

**Inovação
&
Qualidade**



Adega de Sabrosa: Fernão de Magalhães ao leme numa rota de sucesso

Este dossier é distribuído com a edição do semanário Sol



**Ecovia do Rabaçal:
uma aventura
memorável
em Valpaços**

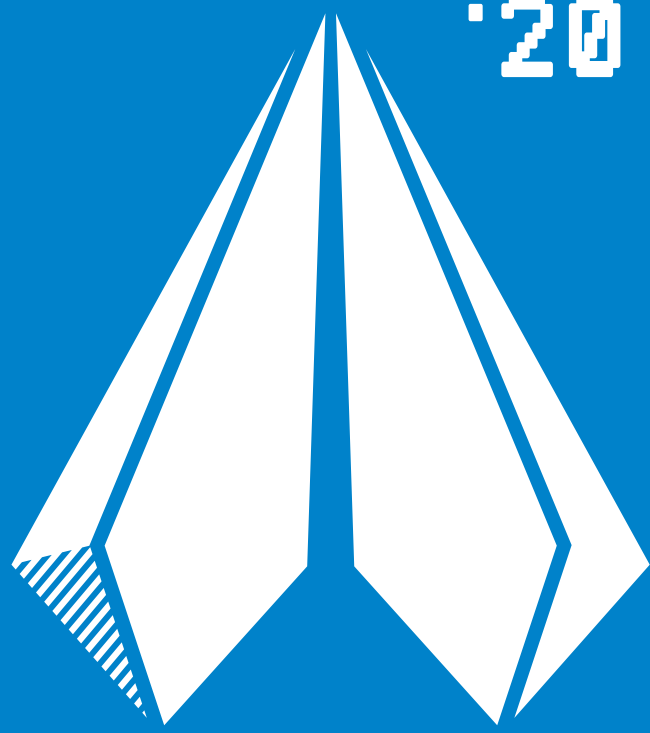


**Armamar recebe
o selo "Comunidades
Pró-Envelhecimento
2020/2021"**



PAS 2020 EDITION

20



PORTUGAL AIR SUMMIT

21-23

OUT 2020 PONTE DE SOR

- > CONFERÊNCIAS
- > WORKSHOPS
- > REUNIÕES

FLYING DIGITAL

AVIAÇÃO, DEFESA, ESPAÇO, AERONÁUTICA

UM EVENTO DIFERENCIADO, NESTA QUARTA EDIÇÃO APRESENTADO NUM FORMATO DE PROGRAMA DE TELEVISÃO, COM REPORTAGENS, ENTREVISTAS E ESPAÇOS ADEQUADOS PARA DISCUSSÕES E APRESENTAÇÕES SOBRE O SECTOR - PRESENTE E FUTURO.

PORTUGALAIRSUMMIT.PT

XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira: Da utopia à resiliência

A XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira está de regresso e volta a marcar o calendário nacional de eventos, sob o tema “Diversidade-Investigação. O Complexo Espaço da Comunicação pela Arte”. Até 31 dezembro de 2020, é possível conhecer, gratuitamente, ao vivo ou sem sair de casa, mais de 350 obras de cerca de 370 artistas de 38 países.

Mantendo-se estruturado segundo o modelo que a caracterizou ao longo de um percurso iniciado em 1978, com algumas adaptações à nova realidade, o evento integra: exposição do concurso internacional e artistas convidados, 11 projetos curatoriais, intervenções artísticas, conferências, conversas, visitas guiadas... e muito mais! O seu compromisso? Apresentar ao público as mais recentes realizações artísticas e tendências estéticas.

Neste âmbito, e reforçando a internacionalização do evento, a Fundação Bienal de Arte de Cerveira apresenta um formato duplo incluindo, pela primeira vez, uma edição digital, que permite a visita virtual à bienal de arte mais antiga do país e da Península Ibérica a partir de qualquer parte do mundo. A transmissão da programação complementar nas redes sociais é outra das apostas, por forma a possibilitar a participação e o envolvimento dos visitantes. Entrevistas em ateliers, intervenções artísticas e visitas guiadas são alguns dos conteúdos que estão disponíveis gratuitamente.

“Esta XXI edição tem intrínseco o desafio de se sobrepor às restrições provocadas pelo novo coronavírus e, se a vertente presencial não puder vingar, colocaremos a Bienal a percorrer o mundo através de uma plataforma digital, permitindo visitas virtuais, contacto com artistas, críticos e curadores, envolvendo os públicos e os seus olhares atentos”, afirma o presidente da Fundação Bienal de Arte de Cerveira, Fernando Nogueira.

A singularidade estética do evento reside também na diversidade de narrativas e interpretações, apresentadas em diferentes contextos. Para além da integração de trabalhos no espaço público da ‘Vila das Artes’, e contribuindo para a descentralização cultural, o evento volta a expandir-se pelo Norte de Portugal, com exposições em: Alfândega da Fé (Casa da Cultura Mestre José Rodrigues), Viana do Castelo (Galeria Noroeste - Fundação Caixa Agrícola do Noroeste), Vila Praia de Âncora (Centro Social e Cultural de Vila Praia de Âncora) e Monção (Cine Teatro João Verde).

Nas palavras do diretor artístico do evento, Cabral Pinto, “foi este o desafio feito aos artistas, num dos tempos mais difíceis da nossa existência coletiva, que irá permitir pela sua multiplicidade de propostas, proporcionar uma reflexão sobre a nossa cultura para uma melhor qualidade de vida pelo ‘conhecimento’, com os olhos postos num futuro cada vez mais tecnológico”.

“A Bienal de Cerveira tem um lugar especial na paisagem cultural do país e realizá-la neste tempo de incertezas é uma lição de resiliência e de responsabilidade”. Foram estas as palavras do diretor da Direção-Geral das Artes, Américo Rodrigues, proferidas no âmbito da inauguração da XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira, que decorreu a 1 de agosto, em Vila Nova de Cerveira, enfatizando uma “iniciativa inovadora nos novos tempos da cultura”. “(...) é sobejamente sabido, mas é necessário ir recordando, é a bienal de arte de arte mais antiga de Portugal e da Península Ibérica e, seguramente, uma das mais dinâmicas”, referiu.

De referir que, nas últimas décadas, a Bienal Internacional de Arte de Cerveira tem-se afirmado como um dos acontecimentos mais marcantes das artes plásticas no nosso país, sendo um evento de referência para a cultura artística nacional e internacional.



Adega de Sabrosa: Fernão de Magalhães ao leme numa rota de sucesso



São 62 anos a trazer o Douro às mesas portuguesas num dos patrimónios que a região melhor trabalha: o vinho proveniente da Adega de Sabrosa afirma-se hoje como um expoente, oriundo de um território classificado como Património Mundial pela UNESCO, que reconhece precisamente a riqueza cultural e histórica associada ao árduo labor em torno da vinha, do vinho e da paisagem. A Adega de Sabrosa, detentora da marca Fernão de Magalhães, produz vinhos desde 1958 e eleva hoje a marca Douro a nível mundial, partilhando o afamado néctar duriense com a diáspora mas também quebrando barreiras sensoriais em cinco continentes. O microclima ao redor de Sabrosa reúne condições naturais específicas favoráveis à produção de excelentes vinhos. Mas há também muito de coragem, determinação, tenacidade e visão do típico duriense, como o navegador Fernão de Magalhães, que com o seu espírito aventureiro e empreendedor abriu caminho também aos vinhos com que a Adega de Sabrosa hoje homenageia todos os portugueses espalhados pelo mundo. Acompanhados por José Gouveia e Natércia Veiga, responsáveis pelo Conselho de Administração e pela Gestão da Qualidade da Adega de Sabrosa, mergulhámos num mar de sugestões para a mesa ideal...

Portugal é um país de tradições vitivinícolas, com uma população capaz de eleger bons vinhos a acompanhar uma "boa mesa", particularmente em épocas festivas como as que se aproximam... Convido-o a eleger uma composição de néctares do Douro para acompanhar uma mesa especial...

Para os portugueses, especialmente em épocas festivas, tem que ser a melhor gama... E começando pelas entradas, nada melhor do que um Moscatel como o Fernão de Magalhães ou o Espumante Fernão de Magalhães, um DOC Bruto que casa muito bem com enchidos, queijos ou marisco. Depois, passaríamos pela nossa gama designada por vinhos DOC Douro, que são os Reservas: temos dois produtos nobres, como o Fernão de

Magalhães Branco Reserva 2017, um vinho seco que estagiou em madeira e com notas de mel, perfeito para acompanhar um prato de bacalhau, de polvo ou qualquer outra tradição gastronómica de peixe, e o Fernão de Magalhães Tinto Reserva 2015, igualmente em estágio em madeira durante nove meses, com volume e estrutura considerável, que casa muito bem com um prato mais forte, como um cabrito, um peru ou qualquer outra carne habitualmente presente numa mesa tradicional no país. A acompanhar a sobremesa temos um leque extraordinário, que inclui o Moscatel Reserva, o Porto 10 anos ou o Porto Especial Reserva Ruby "Fernão de Magalhães 500 Anos", dependendo do gosto de cada um. Por fim, e para digerir tudo isto, nada melhor do que uma aguardente velha bagaceira Fernão de Magalhães, um ícone da Adega de Sabrosa com cerca de 30 anos.

Curiosamente ou não, um espumante afirma-se cada vez mais no leque de oferta da Adega de Sabrosa, com uma marca muito apreciável...

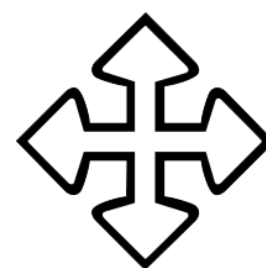
Sim, na categoria dos espumantes temos o Fernão de Magalhães DOC Bruto, que acompanha muito bem entradas, marisco ou pratos de peixe. Para quem não apreciar tanto o espumante e preferir outra escolha, temos também o Porto Pink Fernão de Magalhães, um vinho jovem e leve, que pode beber-se fresco ou o DOC Rosé Fernão de Magalhães.

Será legítimo afirmar-se que os vinhos do Douro são mais "trabalhosos"?

Bom... começamos desde logo na vinha, o trabalho de base, que não é mecanizado e é desde logo diferenciador. Mas outro fator diferenciador enquanto região tem a ver com as castas, que constituem no fundo a nossa marca identitária.

Tem algum significado especial o facto de conseguirem manter o número de associados numa altura em que a oferta de empresas privadas é muito significativa?

Sim, é congratulante e uma demonstração de confiança por parte de quem beneficia de uma garantia histórica de cumprimento relativamente aos pagamentos. Depois, temos também uma



ADEGA
DE
SABROSA

importante função social de apoio administrativo e técnico aos lavradores, com um acompanhamento mais personalizado e próximo. Paralelamente, conseguimos oferecer aos nossos associados o seguro de colheita, o que se revela fundamental numa zona muito propícia a intempéries e a escaldões mas também numa era cada vez mais propensa a alterações climáticas. No fundo, creio que os sócios sentem esta Adega como algo que é deles e os nossos profissionais devolvem esse sentimento de pertença com proximidade e carinho.

Que balanço faz destes quase quatro anos de direção?

Creio que o balanço é positivo, desde logo porque conseguimos aumentar ano após ano o valor a pagar aos sócios, política a que daremos continuidade no futuro. A aposta de raiz na internacionalização foi, na minha perspetiva, outro ponto forte. Também considero uma aposta ganha a reformulação orgânica da Adega, com profissionais muito qualificados e competentes em diversas áreas, desde a administração, à gestão da qualidade e internacionalização, passando pelo apetrechamento com três engenheiros das áreas agrícola, química e alimentar. O volume de faturação também tem vindo a subir, o marketing e o design foram muito qualificados e estou convicto de que esta ligação com Fernão de Magalhães nos trará ainda muitas rotas de sucesso no futuro.

Natércia Veiga, Gestora de Qualidade e Internacionalização

Como têm vindo a reagir os mercados ao processo de internacionalização e oferta da Adega de Sabrosa?

Diria que o processo mais complexo foi fazer vincar a nossa marca própria nos mercados internacionais porque, felizmente, existe muito e boa concorrência... Nós começámos com projetos de internacionalização em parceria com o Nervir, que nos vai permitindo alcançar mercados que não são tradicionalmente fáceis e, a propósito, recordo a distinção do nosso Reserva Branco Fernão de Magalhães 2017 (com medalha de Prata no concurso Mundus Vini 2020) numa master class por sommeliers suíços de renome, que o consideraram o melhor vinho branco entre uma gama onde constavam 23 produtores do Douro, alguns dos quais já com um enorme trajeto de internacionalização e de presença nos mercados internacionais. Isto apenas nos comprovou a excelência do produto que temos e que não devemos ter medo de apostar. Claramente, o nome Fernão de Magalhães tem-nos aberto muitas portas, o sucesso do nosso produto já se estendeu à Rússia, bem como a outros mercados europeus e intercontinentais. Em termos estratégicos, a nossa bandeira é a qualidade e a imagem.

Este trabalho de internacionalização, apesar de recente, já tem produzido resultados...

Sim, começámos em 2016, na altura com uma quota de exportação de 2%. A Adega já tinha dado os primeiros passos com alguns clientes mas sentíamos que ainda não beneficiávamos de um impacto significativo em termos de

faturação e que muito havia ainda a potenciar. Com este processo de internacionalização, esses indicadores de exportação e de faturação têm vindo a subir significativamente e, de uma percentagem de exportação de 3%, subimos para cerca de 30% logo no primeiro ano. Desde que iniciámos o projeto, passámos a participar em feiras internacionais, como a Prowein, na Alemanha, o que tem projetado a Adega de Sabrosa e os seus vinhos no panorama mundial. Quanto a mercados concretos, estamos presentes nos tradicionais mercados europeus, como Espanha, França, Alemanha, Suíça, Holanda, nos países nórdicos, como a Noruega e a Dinamarca, na Ásia, em países como Hong Kong, na América Latina, de que o Equador constitui um exemplo da excelência de um trabalho que iniciámos há dois anos e que comprometeu toda a equipa da Adega... Tivemos apoio no que respeita à elaboração da candidatura ao financiamento mas a execução do projeto deveu-se ao esforço de uma equipa muito jovem e ativa que tornou possível este desígnio de internacionalização

É fácil penetrar nesses mercados através das castas típicas do Douro?

Costumamos afirmar que, como outros exemplos, primeiro estranha-se e depois entranha-se... as pessoas estão habituadas às castas francesas ou espanholas e, quando chegam a Portugal, deparam-se com castas muito específicas, como a nossa Touriga Nacional, a Tinta Roriz, o Gouveio... Tudo isto rompe com aqueles contextos a que estão habituadas mas tem-nos corrido bem porque as pessoas ficam muito positivamente surpreendidas.



Armamar: a nobreza da gestão autárquica

São sete anos de presidência de um município ao serviço do qual dedicou grande parte da sua vida. João Paulo Fonseca integra a nova geração de autarcas que alia visão estratégica à sensibilidade ímpar de quem bem conhece e sente umbilicalmente o território que gere. No primeiro mandato como edil do município de Armamar, limitado por uma lei de finanças locais que impedia investimentos de grande vulto, alcançou o mérito de equilibrar uma autarquia financeiramente debilitada, lançando bases para um trabalho com linhas bem definidas para o futuro. Conquistou a confiança da população local e prometeu colocar Armamar no mapa, atraindo investimentos sustentados na economia local e no turismo, potenciando a criação de emprego qualificado e elevando a oferta cultural num território classificado como património da humanidade... Em entrevista, o autarca revela como transformou ameaças em oportunidades.

Recordo que, no início do seu primeiro mandato enquanto autarca, elegia como desígnio colocar Armamar no mapa do país e conferir mais qualidade de vida à população local... considera ter cumprido esses objetivos?

Considero que fizemos muito trabalho nesse sentido... Quando me referia a colocar Armamar no mapa, pretendia promover o território a nível nacional e internacional, aproveitando a emergência do turismo no Douro, decorrente da sua classificação como património da humanidade e, havendo certamente muito a fazer, creio que muito foi alcançado. E houve por parte de todo o executivo municipal um grande esforço no sentido de captar uma série de investimentos nessa área para Armamar, o que felizmente conseguimos através de alguns grandes grupos ligados à hotelaria. Ainda recentemente foi inaugurada uma unidade Vila Galé em Armamar, a maior da região e temos vários projetos aprovados para novas unidades. Também fizemos o que nos competia ao nível da promoção do território, nomeadamente através da realização da nossa feira

da Maçã e, nesse sentido, sim, conseguimos conferir a Armamar muito mais visibilidade do que tinha no início do meu mandato.

Por outro lado, temos o desígnio do incremento da qualidade de vida, que não será alheio à criação de emprego por via desses projetos...

Sim, naturalmente, o setor do turismo emprega muita gente e, nesse sentido, estes investimentos também nos permitem olhar, quer para o presente, quer para o futuro, com algum otimismo porque permitem fixar e atrair população. Isso a par de outros investimentos: também iniciámos no concelho a fase de exploração experimental mineira e estamos esperançados que venha a ser concedida a licença de exploração definitiva, que permitirá atrair muita mão-de-obra qualificada para Armamar. E isso também significa incrementar a qualidade de vida, para além de alguns projetos municipais estruturantes. Lançámos recentemente uma obra emblemática do atual mandato, o pavilhão desportivo, a par da requalificação do edifício da Adega Cooperativa de Armamar, onde estará alocado o Museu da Mulher Duriense, que funcionará em rede com os demais museus do Douro e outros espaços culturais da região, e da requalificação urbana da vila de Armamar, que nos permite receber os nossos turistas com outra dignidade e dar qualidade de vida a quem habita no concelho. Em suma, estamos nesta fase de implementação das obras a que nos propusemos. Tivemos um primeiro mandato muito focado na estabilidade financeira do município, cujos objetivos conseguimos até superar e este é um mandato de concretização de algumas das nossas principais obras. Queremos certamente fazer mais e melhor e seguir esta linha orientadora de um município financeiramente equilibrado mas que investe.

Presumo que já se poderá fazer o jogo das diferenças entre o pré e o pós João Paulo Fonseca em Armamar...

Sim, creio que essas diferenças terão também muito a ver com as oportunidades. O meu antecessor, que

foi presidente de câmara durante 20 anos, fez e investiu muito neste concelho noutras vertentes, de acordo com as exigências da altura, nomeadamente no setor agrícola. Na minha gestão, e numa nova era, afiguram-se novos desafios, relacionados com a necessidade de termos um turismo pujante, uma oferta cultural como nunca tivemos, um apoio muito mais focado na educação, desde o pré escolar ao secundário... Diria que existem diferenças acentuadas mas, cada um, à época, fez o que considerava ser o melhor para o concelho, aproveitando as oportunidades de que dispunha. Foram duas boas épocas em vertentes bastante distintas.

O que falta fazer em Armamar?

Falta concluir um desígnio estruturante para o concelho que temos, o projeto de regadio para o Monte Raso, entregue à Direção Regional de Agricultura do Norte, entidade elegível para este tipo de investimentos. É um projeto que gostaríamos de ver concretizado porque acrescentará valor e riqueza ao território, permitindo duplicar a produção naquela área de pomar. Falta a variante de Fontelo na ligação à A24, uma obra incluída no plano das obras de proximidade das Infraestruturas de Portugal desde 2014 e que ainda não está concretizada e que também seria estruturante para Armamar. Temos ainda outras obras que constam do nosso programa eleitoral e que pretendemos



ainda concretizar, como o auditório dotado de uma capacidade e qualidade adequada à dinâmica cultural que se foi criando.

Sabemos que o autarca é, por definição, o político mais próximo da população... face ao panorama atual que assola a população, como é gerir, num território interior do país, tanta demanda ao nível da ação social?

Desde logo, tem sido uma relação ainda mais próxima com a população. Percebemos claramente o concelho em que vivemos, sabemos que grande parte das pessoas que habitam este tipo de concelhos são idosas e mais vulneráveis e, face a algumas ações que desenvolvemos no imediato, diria que essa proximidade se intensificou muito mais ainda. Criámos um gabinete específico para o covid, constituído por duas psicólogas, uma assistente social e um chefe de divisão de ação social que, todos os dias, monitorizavam os casos que nos preocupavam. Criámos uma série de instrumentos muito próximos e rápidos, desde serviços de entrega ao domicílio de bens de primeira necessidade, um sistema de alerta às populações que tem funcionado muito bem, e dedicámos uma especial atenção às

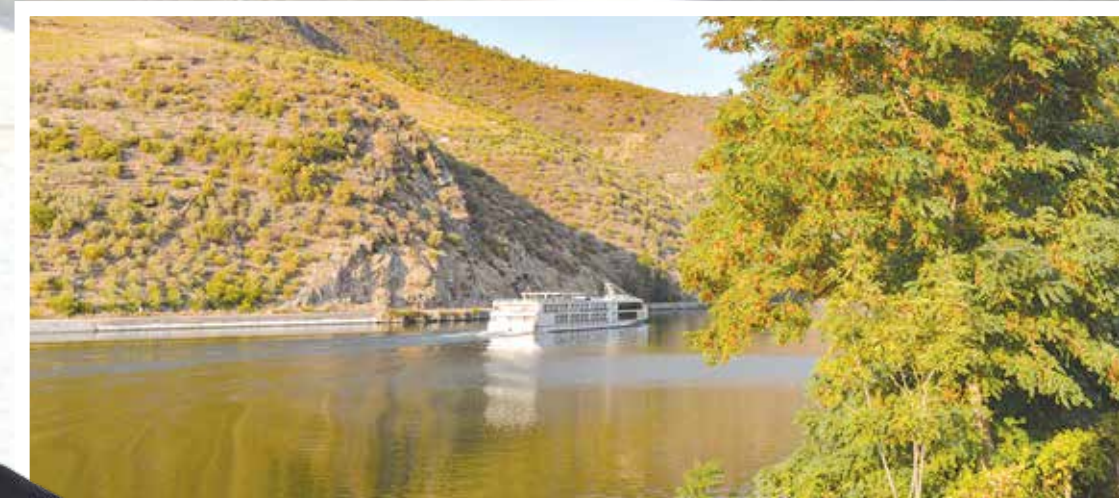
IPSS do concelho. Foi um trabalho em rede em que todas as entidades contribuíram, numa postura de proximidade e solicitude admirável, e que tem contribuído decisivamente, a par da preocupação e investimento da autarquia, para que tudo tenha vindo a correr bem. Nesta vertente, destacaria também a extraordinária colaboração da população, que percebeu e respeitou as orientações dadas pelo município, pelos centros de saúde, pela DGS, pelas IPSS e pelas juntas de freguesia.

Enquanto político eleito pela população, e num momento inédito, foi complicado para si a título pessoal gerir este contexto?

Sim, foi, desde logo face ao desconhecimento total do que era o covid-19 e as consequências que poderia ter em termos de saúde. Creio que todos nós nos sentimos um pouco em pânico na fase inicial, sem sabermos se teríamos ou não capacidade de resposta a nível local para fazer face a uma eventual situação de infeção alargada... depois, porque as regras do confinamento nos retiraram aquilo que aos autarcas nos melhor faz, que é o contacto com as pessoas, a proximidade... Chegar ao edifício da câmara nos primeiros 30 dias da pandemia e ter as portas fechadas, não ver nenhum munícipe, não poder abraçar ninguém... custou bastante! Enquanto autarca, foram momentos difíceis.

São já sete anos como autarca... Apesar do inegável desgaste, ainda resta motivação?

O desgaste é o natural de um autarca que vive os problemas da sua população e do seu território no dia-a-dia, hoje com muito mais competências do que há uns anos atrás, mas que também acorda todos os dias com a mesma motivação para vir servir o povo, para tomar as melhores decisões para o seu territórios e para continuar a lutar, empenhado. A mesma motivação que tive no primeiro dia continuo a ter hoje, com o desgaste natural da idade e de outros fatores mas continuo motivado para levar este mandato até ao final e, provavelmente, para continuar...



Armamar recebe o selo “Comunidades Pró-Envelhecimento 2020/2021”

A Câmara Municipal de Armamar viu hoje, 1 de outubro, ser-lhe atribuído o selo “Comunidades Pró envelhecimento 2020/2021”. A notícia surge precisamente no dia em que se assinala o Dia Internacional do Idoso. O galardão está enquadrado no âmbito da Campanha Comunidades Pró-Envelhecimento, lançada pela Ordem dos Psicólogos Portugueses. Para a sua atribuição são avaliadas as políticas, programas e planos estratégicos implementados com o objetivo de garantir o envelhecimento saudável e bem-sucedido, numa sociedade que se quer coesa, equitativa, inclusiva, saudável e segura.

João Paulo Fonseca
Presidente da Câmara Municipal de Armamar

Ponte de Sor: o céu como limite

Ao longo dos últimos anos, Ponte de Sor tem vindo a afirmar-se no panorama nacional como destino de excelência em domínios como o turismo de natureza, de aventura e desporto e patrimonial. Localizado no interior alentejano mas com recursos ímpares e diferenciadores, como a Albufeira de Montargil e vários trilhos que cruzam uma natureza que alimenta várias sinestésias, o município tem vindo a fidelizar cada vez mais turistas. À gastronomia tradicional juntam-se sabores e saberes herdados por gerações que persistiram em elevar a arte de bem receber e essas marcas persistem hoje também na oferta hoteleira. Mas também no plano político: a gestão autárquica, quer no que concerne à infraestruturização de equipamentos e serviços, quer no apoio ao investimento e mesmo na captação de eventos de grande impacto económico, de que constitui exemplo o Portugal Air Summit, tem vindo a afirmar-se no panorama (inter) nacional... Alda Falca, vereadora com os pelouros do turismo e da cultura, de pés bem assentes na terra mas com horizontes mais longínquos como o céu alentejano, traça-nos um quadro do que significa promover um território do interior...

Como define a missão de gerir pelouros como o turismo e a cultura num município atípico como o de Ponte de Sor, localizado no interior do país, mas que encerra potencialidades tão diferenciadoras?

Encaro esta missão com muita honra e como um privilégio... desenvolver funções num pelouro neste município permite-nos desenvolver uma atividade de acordo com aquelas que entendemos serem as melhores opções e, acima de tudo, com a confiança das pessoas. Relativamente ao turismo, de facto, Ponte de Sor reúne algumas características atípicas enquanto município alentejano porque, se é verdade que tem uma componente de natureza muito próxima da realidade do Alentejo, com a mancha do montado por exemplo, também é verdade que tem muita água e algumas características que a aproximam mais da realidade do Ribatejo. Estamos numa fronteira que reúne uma conjugação maravilhosa em termos de

turismo e cultura e tenho o privilégio de conjugar esses pelouros e até de poder pensá-los estrategicamente. Ponte de Sor pode receber os apaixonados pela natureza, da mesma forma que pode receber os que têm uma curiosidade mais focada na gastronomia, no turismo náutico, no património histórico... Temos uma oferta muito ampla.

Infelizmente, face à atual pandemia, não basta ter uma oferta apelativa... É seguro fazer turismo em Ponte de Sor?

Diria que é seguro se todos nós assumirmos as posições emanadas pela DGS... Posso dizer-lhe que é seguro se pensarmos que todos os nossos alojamentos, assim como os nossos espaços culturais e turísticos, estão a cumprir escrupulosamente as regras emanadas pela DGS. Estamos a trabalhar em conjunto para recebermos em segurança quem nos visita e para manter a segurança no próprio território. Relativamente à nossa “coqueluche”, a Albufeira de Montargil, e dado o ano atípico que vivemos, quer em matéria de saúde pública, quer do número de pessoas que acorreram à Albufeira, decidimos lançar a atividade Montargil Seguro e Limpo, recorrendo a uma equipa de voluntários, e em parceria com entidades como a GNR, o município e as juntas de freguesia, que vão sensibilizando para medidas de segurança. Assim, vamos procurando garantir que quem nos visita o faça num ambiente de segurança. Em suma, diria que sim, é seguro visitar Ponte de Sor, desde que quem nos visita cumpra com o mesmo rigor que nós adotamos.

Ao nível do alojamento, é fácil encontrar oferta em Ponte de Sor?

Alda Falca – Depende obviamente da época mas temos uma oferta turística heterogénea, quer para famílias que privilegiem o contacto com a natureza, com múltiplos espaços de turismo rural dotados de diferentes características, uns mais modernos, outros mais focados nas tradições; na hotelaria mais tradicional, temos já respostas de qualidade, quer na Albufeira de Montargil, quer dentro de Ponte de Sor... Claro que este ano existem constrangimentos relacionados com a limitação da ocupação destas

respostas. Mas Ponte de Sor já dispõe de uma oferta satisfatória, a qual será brevemente ampliada porque temos várias unidades hoteleiras e alojamentos em construção.

Presumo que a autarquia tenha um papel fundamental quanto à potenciação de fatores de atratividade, ao desenvolvimento de respostas públicas e de projetos intermunicipais e até transfronteiriços...

Alda Falca – Entendo que o papel de qualquer município tem que ser o de facilitador do negócio, no bom sentido, dos operadores turísticos da região. Quanto melhores forem as estratégias de promoção que desenvolvemos, mais contribuimos para o negócio de quem decidiu investir no nosso território e melhores condições criamos para quem nos visita. Basicamente, temos que criar condições de atratividade quer para investidores quer para visitantes e temos procurado desenvolver uma relação muito próxima com quem trabalha este tema no território. A área do turismo acompanha muito de perto os operadores da região, percebendo como está a ocupação, de que maneira podemos ajudar a promover os seus negócios, colocando muitas vezes em contacto produtores locais e artesãos com os operadores turísticos e tentando ajudá-los a qualificar a oferta. Depois, há outro papel do município quanto ao desenvolvimento das respostas públicas, trabalho que estamos a desenvolver nomeadamente na Albufeira de Montargil, onde implementámos um plano de valorização estratégica, com o intuito de promover um acesso público e democrático àquele recurso e de criar algo diferenciador, aberto à comunidade e que resulte em muito mais do que uma mera praia. Quanto ao âmbito intermunicipal, cada vez mais valorizado por todos, temos reunido com outros municípios no sentido de desenvolvermos ofertas agregadas em termos de programação cultural, algo que toca diretamente no turismo. Felizmente, temos cada vez mais presente um trabalho em conjunto que tem produzido os seus frutos e que considero fundamental, que consiste em olharmos para o

potencial do território e não apenas de cada um dos municípios, beneficiando de uma oferta conjunta e apelativa que poderá alargar o tempo de permanência do turista na região. Quer em termos de história, de património e natureza, complementamo-nos e essa é uma potencialidade a aproveitar. Por outro lado, temos aqui uma proximidade com Espanha que procuramos potenciar. Temos um trabalho muito específico na área da aeronáutica, o que nos tem aproximado em termos de estratégia e de gestão. O Portugal Air Summit tem esta chancela e existem esforços no sentido de juntarmos municípios vizinhos espanhóis com uma realidade semelhante à nossa. No que respeita ao montado, é também já muito frequente trabalhamos em parceria com universidades espanholas e temos cada vez mais relações de turismo de negócios e desportivo.

Em breve, teremos em Ponte de Sor um evento internacional de grande projeção, o Portugal Air Summit...

O Município de Ponte de Sor é detentor do aeródromo municipal e, em boa hora, decidiu que teria aqui um bom potencial de atração e desenvolvimento de negócios diferenciador. Temos todas as condições para voar, um dia grande, um espaço aéreo



disponível, uma infraestrutura de excelência e todo o desenvolvimento da aeronáutica no território vem neste seguimento. Tem sido um trabalho moroso e muito audaz o de tirar partido desta infraestrutura para o nosso território e o Portugal Air Summit surge quando nos apercebemos que todos nós precisamos de trabalhar o capital humano e de nos juntarmos com outros países com uma experiência diferente da nossa. Em Portugal, temos extraordinários investigadores, cientistas e cérebros em toda esta área da aeronáutica e começamos a sentir que era necessário juntar estas pessoas e debater em conjunto o setor, a estratégia, o caminho. O município foi desafiado pelo parceiro The Race para desenvolver um evento como um espetáculo aéreo e nós juntámos aqui a componente dos reguladores, das escolas, da indústria aeronáutica... Cresceu mais do que alguma vez imagináramos e, de repente, temos esta marca, o Portugal Air Summit, que ultrapassou fronteiras, com presenças como a NASA, a Airbus, etc. Claramente, o maior evento de Ponte de Sor e de turismo de negócios, onde está incluído o cluster aeronáutico no seu todo, com o foco no profissional, naqueles que todos os dias projetam o futuro a médio e longo prazo.

Portugal Air Summit 2020: um desafio aos limites do espaço com rockets nos céus de Ponte de Sor

Ponte de Sor acolhe, entre 21 e 23 de outubro, a 4.ª edição do Portugal Air Summit, a maior cimeira aeronáutica da Península Ibérica. Elegendo como tema principal “Flying Digital”, o mote perfeito para enquadrar um futuro pleno de desafios para os setores da Aviação, Espaço, Defesa e Aeronáutica, marcados por uma profunda viragem tecnológica. O evento assume, este ano, um formato híbrido, com a presença no local de oradores e convidados, mas com transmissão televisiva e digital.

A Agência Espacial Portuguesa, Portugal Space, e a Câmara Municipal de Ponte de Sor associam-se neste evento para promover em Portugal o European Rocketry Challenge, a primeira competição universitária europeia de lançamento de rockets, que procura estimular estudantes e investigadores de engenharia na conceção, construção e lançamento dos próprios veículos.

O espaço destinado ao Portugal Air Summit verá surgir este ano novos pavilhões que acolherão os cerca de 120 concorrentes, distribuídos por 12 equipas, da competição. “O EuRoC está totalmente alinhado com os objetivos estratégicos da Portugal Space, nomeadamente porque contribui para o desenvolvimento de um quadro cultural e educativo capaz de impulsionar o desenvolvimento do sector espacial em Portugal”, afirma Ricardo Conde, presidente da Portugal Space.

A partir de dois auditórios e salas apropriadas para workshops e reuniões, bem como um espaço lounge propício a networking, o Portugal Air Summit garante a transmissão em direto na

sua plataforma online e num canal da MEO de dezenas de conferências com os principais vultos nacionais internacionais, painéis de discussão, apresentações e workshops. A cimeira, que nas últimas edições proporcionou 500 reuniões B2B e B2C, além de mais de 2500 contactos B2B, dos quais 10% foram convertidos em negócio, mantém uma forte e cimentada aposta nas reuniões entre empresas, já que tal se assume como uma forma de dinamizar o setor.

“O cluster aeronáutico tem Ponte de Sor como ponto de referência nacional e internacional e, até num contexto de incerteza, o aeródromo abre novos cursos técnicos de apoio à indústria aeronáutica. Uma visão que tem permitido dinamizar economicamente e ao nível do emprego a cidade de Ponte de Sor. Numa fase tão inesperada e exigente como a que passamos é necessário apostar na economia e analisar soluções para que possamos superar os desafios e dinamizar a economia”, destaca Hugo Pereira Hilário, Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor. O Portugal Air Summit assumir-se-á como um evento Covid-19 Safe, estando a ser criado um plano conservador que respeite todas as medidas de distanciamento necessárias no decorrer do evento, de acordo com as práticas e recomendações definidas pela DGS.



Figueira de Castelo Rodrigo

Imperdoável não mergulhar nestes patrimónios

Afirmou Agostinho da Silva que “foi em Barca d’Alva que me fiz gente”... Visitar o concelho de Figueira de Castelo Rodrigo equivale a viver o que de mais puro e ancestral o país encerra, aprimorado por desígnios de modernidade que o atual turista não dispensa. Falamos de uma paisagem viva, desde os costumes, bem perpetuados nos valores históricos, arqueológicos e arquitetónicos que a autarquia local anualmente preserva, celebra e promove, da beleza paisagística, diversidade artesanal e gastronómica, um périplo que convida à contemplação. Entre os profundos vales dos rios Águeda, Côa e Douro e sob o esplendor da serra da Marofa, ergue-se um conjunto de miradouros naturais e edificadas que marcam um ritmo de cores, sabores e texturas inigualáveis.

Num território do interior de um país que teima em viver e evoluir a duas ou mais velocidades, vão sobressaindo, felizmente, alguns exemplos de gestão autárquica que potenciam a minimização de desigualdades. Da Plataforma de Ciência

Aberta ao Seguro Municipal de Saúde, passando pelo transporte gratuito no concelho, o executivo liderado por Paulo Langrouva tem deixado marcas muito distintas num município em que as ameaças da interioridade têm sido transformadas em oportunidades. Figueira de Castelo Rodrigo é hoje um território modernizado que soube atrair investimento e turismo mas também manter vivos e bem preservados os seus maiores patrimónios: as gentes locais, a natureza e o património monumental. Assegurada a viabilização de projetos considerados estruturantes, entre os quais figuram o Centro de Interpretação da Batalha de Castelo Rodrigo, o Centro Interpretativo Ephraim Bueno, infraestrutura inserida na Rota do Turismo Judaico, a requalificação da Torre de Almofala, intervenções de requalificação dos espaços públicos em Barca D’Alva e a construção de uma nova avenida, que permitiu uma expansão urbanística para uma área da vila que se encontrava pouco explorada, foram surgindo neste segundo exercício de Paulo Langrouva mais valias

que complementam uma já vasta rede turística implementada e que resultam num novo conjunto de equipamentos visitáveis.

O autarca recorda que “os nossos jovens que estudam nas universidades na Guarda têm transportes aos fins-de-semana”, que “implementámos teleassistência aos nossos idosos, evitando assim o isolamento e o desfavorecimento desta faixa etária, que encontra também no território a continuidade da Academia Sénior”... Em suma, um vasto conjunto de projetos e serviços de âmbito social desenvolvidos numa perspetiva de proximidade e de continuidade e extremamente importantes para garantir a estas populações qualidade de vida e bem estar.

Em territórios periféricos, como Figueira de Castelo Rodrigo, a captação de investimento e a criação de emprego são desígnios fundamentais para a fixação das populações. A este nível, a autarquia tem encetado um esforço muito significativo, principalmente no setor agrícola, através do



desenvolvimento de um regulamento municipal de apoio, que incluiu os programas Figueira mais Verde e o Figueira Empreende Mais, que permitiram aos agricultores locais beneficiarem de um conjunto de apoios financeiros para alavancarem as suas atividades: adquirir alfaias, fazerem vedações, furos, plantações, entre outras intervenções para as quais foram criados apoios específicos. No total, são mais de 800 as famílias que estão a beneficiar deste programa agrícola. “Também temos encetado um esforço significativo na zona industrial, que expandimos, e que tem resultado na construção de mais pavilhões e na atração de mais empresas privadas, nomeadamente na área do alumínio e da cortiça.

Não será propriamente novidade que os municípios do interior do país serão os que maior sensibilidade revelam face a um dos seus patrimónios vivos e mais fiéis. Referimo-nos à população idosa, relativamente à qual o município de Figueira de Castelo Rodrigo tem engendrado soluções que visam oferecer a desejada qualidade de vida e bem-estar, nomeadamente através do projeto de teleassistência e do transporte até à sede do concelho, garantindo maior mobilidade. Tudo isto é assegurado de forma gratuita... “Temos tido preocupação com a saúde das pessoas e ultrapassámos o problema do défice

de médicos através do seguro de saúde municipal, que oferece à nossa população acesso gratuito a serviços de saúde como consultas de clínica geral e de variadíssimas especialidades, entre as quais a medicina dentária, bem como a meios de diagnóstico complementar. Não pagam pelo acesso a estes serviços, nem taxas moderadoras, nem sequer pelo transporte. É um serviço único e exemplar no país e na Europa”, realça o edil.

A educação também tem sido um foco muito importante deste executivo, não só na atribuição de equipamentos e melhoria de condições às escolas, domínio em que o município tem realizado um investimento significativo, mas igualmente através da Plataforma de Ciência Aberta, mais uma iniciativa inédita a nível nacional e internacional. A este nível, têm sido promovidas sessões lúdicas que visam aproximar a ciência à educação, transmitindo conhecimentos extremamente importantes às crianças do concelho. A título de exemplo, as crianças apanham a azeitona, transformam-na e veem o produto final, o azeite, extraído a partir desta transformação, levando depois uma garrafa de azeite para casa, o que valoriza o seu trabalho e aprendizagem. Mas há mais: cientistas que se deslocam às escolas para dissertarem sobre alterações climáticas, classificação dos insetos, astronomia, entre outras temáticas... “Estamos a sensibilizar a nossa comunidade escolar para que haja uma percepção de que, afinal, a ciência pode estar muito próxima da resolução dos problemas locais e a intervir na educação de forma diferente, mais próxima e prática da comunidade escolar e com um retorno que tem sido fantástico”, enfatiza Paulo Langrouva.

O autarca como guia turístico

“Como pontos turísticos obrigatórios, destacaria uma visita a Castelo Rodrigo, uma das Sete Maravilhas de Portugal, uma aldeia autêntica integrada na Rede das Aldeias Históricas de Portugal. De seguida, recomendo uma visita a Barca D’Alva, onde podemos observar a confluência do rio Douro com o Águeda e a possibilidade de fazer um passeio turístico pelo Douro. Recomendaria uma passagem pelo riquíssimo Museu de Artes e Ofícios de Escalhão, bem como, à sua Igreja Matriz, ao Real Mosteiro de Santa Maria de Aguiar e à Torre de Almofala, monumento nacional cuja requalificação se encontra praticamente finalizada e que será complementada com um Centro de Interpretação Ambiental... Claro que não poderá faltar uma visita ao Centro Interpretativo Ephraim Bueno, espaço situado no centro da vila e que tem uma pequena área dedicada a uma sinagoga e várias salas expositivas e que apresenta ao público, entre outros artigos e peças, a réplica de um quadro de Ephraim Bueno, pintado por Rembrandt, e a árvore genealógica da família daquele médico judeu. A visita à Serra da Marofa, ao Cristo Rei vale a pena, bem como uma visita guiada pela Faia Brava, a primeira reserva privada a nível nacional, com mais de mil hectares de terreno em estado bastante selvagem, excelente para o “bird watching” e para a observação de outras espécies de animais, como seja o caso dos garranos. Finalmente, as escarpas do Douro, uma paisagem fantástica que merece ser partilhada. A complementar este périplo, dispomos de uma gastronomia variada e rica e de uma oferta hoteleira já muito qualificada”.



Há três décadas a promover o “saber para salvar”

Reconhecida como autoridade pedagógica na formação técnica dos bombeiros portugueses, a Escola Nacional de Bombeiros (ENB) tem vindo a desenvolver desde 1988 as qualificações e especializações indispensáveis à missão, cada vez mais exigente, dos bombeiros e demais agentes de proteção e socorro. Esta missão fundamental que a ENB desempenha no desenvolvimento do sistema nacional de proteção civil tem sido ampliada ao domínio autárquico, através da formação de bombeiros e quadros municipais. Ao longo de mais de duas décadas a promover o «saber para salvar», a ENB acumulou uma vasta experiência devidamente reconhecida e certificada a nível nacional e internacional. Esta credibilidade formativa também é colocada à disposição de todos os cidadãos, entidades públicas e privadas através do Centro de Serviços para Instituições e Empresas.

Desde a sua fundação, a ENB tem desempenhado um papel fundamental, em termos formativos, no sistema nacional de proteção civil, concretizando, diariamente, uma parceria entre o Estado e a sociedade civil. Para além dos bombeiros portugueses, a ENB foi também responsável por estruturar e ministrar a formação que esteve na génese do Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro (GIPS) da Guarda Nacional Republicana e da Força Especial de Bombeiros (FEB).

Em 2014, a Escola traçou como linhas de atuação melhorar o acesso, garantir a qualidade e fomentar a inovação. Para a prossecução destes objetivos foi introduzido um sistema de auditorias, um DTP Digital e uma plataforma específica para a gestão da formação de mais de 30 mil bombeiros. A ENB apostou também no desenvolvimento de novos cursos, em parceria com institutos politécnicos e entidades internacionais, e procedeu à renovação de conteúdos multimédia assim como da sua plataforma de e-learning. Ao nível das infraestruturas, foi inaugurado em Sintra, em 2015, um dos melhores centros de simulação e realidade virtual, a nível internacional, para bombeiros e, em 2016, um moderno Campo de Treinos de Combate a Incêndios Urbanos e Industriais, duas estruturas muito procuradas por agentes internacionais e que hoje colocam Portugal como país formador e um modelo a seguir nestes domínios.

Um dos principais mentores de toda a dinâmica de evolução patenteada pela Escola Nacional de Bombeiros é José Ferreira, o Presidente da ENB desde 2013. Em entrevista, José Ferreira abre-nos as portas a uma instituição que está na base da proteção de todos no território nacional...

Creio não estar longe da verdade se afirmar que esta é a verdadeira escola nacional de proteção civil...

Sim... Apesar de, oficialmente, a designação ser Escola Nacional de Bombeiros, mas nos termos da sua missão e estatutos tem o dever de formar não só bombeiros mas igualmente outros agentes de proteção civil. E,

para nós, proteção civil é tudo o que possa contribuir para criarmos um clima de maior segurança ao nível dos cidadãos, instituições e das empresas. Uma empresa que tenha profissionais melhor formados e sensibilizados para os cuidados a terem em matéria de segurança, é certamente uma empresa melhor defendida, com menos problemas e, mesmo quando tem um acidente, estará em melhores condições para poder retomar a sua atividade. É esta lógica abrangente de proteção civil, entendendo-a como o contributo para a segurança generalizada das pessoas, empresas e bens, que preside à Escola Nacional de Bombeiros, sendo que em média anualmente, cerca de 18 000 bombeiros, recebem formação assegurada por formadores da escola.

Também é da vossa competência a formação dos bombeiros portugueses... em que medida poderá um bombeiro exercer a sua atividade sem obter um certificado da Escola Nacional de Bombeiros?

Toda a formação dos bombeiros tem que passar pela Escola Nacional de Bombeiros. Atualmente, ninguém pode ser bombeiro em Portugal sem passar por um período de formação com um mínimo de 225 horas e ser posteriormente submetido a uma prova de avaliação, seguido por um período probatório de três meses nos respetivos quartéis. Findo este período, se estiver em condições, passa de estagiário, a bombeiro.

Quer seja voluntário ou profissional?

Isso é algo que também deve ser esclarecido: existem dois tipos de bombeiros, uns que têm uma relação jurídica de emprego e outros que não a têm... O cidadão português não quer saber disso. Quando se encontra em dificuldades, pretende que quem o vai socorrer, apoiar ou salvar, possua os conhecimentos necessários para o fazer. E isso nada tem a ver com voluntariado ou profissão, mas com o desempenho competente para poder ajudar o próximo. A formação ministrada cumpre com os requisitos estabelecidos pelo Catálogo Nacional das Profissões, toda a formação modelar por que os bombeiros portugueses passam, sejam profissionais ou voluntários, é certificada do ponto de vista profissional.

Segundo apurámos, apesar da extraordinária importância que encerra a missão desenvolvida pela Escola para a segurança nacional, o financiamento do Estado português é quase residual...

Não diria que é residual... representa pouco mais de 50% do nosso orçamento.

Presumo que seja necessária alguma engenharia financeira e criatividade para garantir os restantes 50% e assegurar a prestação de uma missão pública...

A missão é pública mas entendo que todos nós temos que contribuir para o cumprimento da sua missão... A sociedade portuguesa contempla o setor público e o privado e ambos estão sujeitos a riscos, merecendo ter um conjunto de pessoas devidamente preparadas para



ajudar. E repare que há acidentes em empresas privadas com efeitos sociais gigantescos... O país precisa de ter uma resposta competente, dotada dos recursos adequados e, na minha perspetiva, o Estado tem obviamente as suas responsabilidades, nomeadamente o poder local, mas também as comunidades empresariais. E entendo que também as companhias seguradoras deveriam contribuir mais decisivamente, até porque quando existem prejuízos estes incidentes, também estas são seriamente lesadas. Em suma, creio que devemos projetar tudo isto a nível local, definir tipologias de risco por territórios ou concelhos e o nível do tipo de resposta que se pretende dar e, em função da opção do serviço municipal de proteção civil, assumir esse custo. Sabemos que os municípios apoiam as estruturas de socorro, mas talvez de forma pouco criteriosa e, olhando para o país, verificamos uma heterogeneidade de situações, o que deveria suscitar uma reflexão e discussão, nomeadamente por parte da Associação Nacional de Municípios, para que tenhamos aqui uma lógica de tripé: a Administração Central, os Municípios e a sociedade civil, englobando aqui comunidades locais e empresas. É nesta lógica de tripé que temos que encontrar um sistema de financiamento.

E, embora não seja um especialista, que papel cabe ao cidadão comum na defesa do território, na proteção civil, na segurança?

Nós temos pouca cultura de segurança... Vejam-se exemplos, como termos numa casa uma frigideira ao lume com um exaustor por cima a trabalhar, o nosso comportamento na via pública quando temos uma passadeira a 20 metros de distância... é uma questão de educação, de cidadania... Centremo-nos na questão dos incêndios florestais: a maioria resulta de muita negligência porque, se não houver ignições, não há incêndios. Apesar de se fazer algum trabalho de sensibilização, creio que o mesmo deveria ser mais intenso e estruturado.

Autarquias, dada a proximidade com o cidadão?

Os poderes atualmente atribuídos aos municípios em matéria de proteção civil nada têm a ver com a realidade de há 20 anos... Falo como ex-autarca... Hoje, o poder local tem muitas competências nesta matéria e, para tentar dar resposta a essas questões, em breve a Escola disponibilizará um curso destinado aos coordenadores dos serviços municipais de proteção civil. Efetivamente, a questão da proximidade é fundamental e esta oferta formativa será mais um contributo da Escola, tendo em conta um público que assume cada vez mais responsabilidades.

É-lhe reconhecido o mérito de ter aberto a Escola ao exterior, e refiro-me inclusivamente aos stakeholders estrangeiros mas igualmente de ter implementado alguns projetos



pioneiros a nível mundial... Que últimos exemplos de parcerias com entidades congêneras externas tem para nos apresentar?

Tivemos recentemente elementos do mecanismo europeu de segurança e proteção civil a visitar a Escola para conhecer o nosso centro de simulação de realidade virtual. A Escola está envolvida em dois projetos de exercícios europeus até 2021 em três grandes áreas: grandes incêndios florestais, grandes inundações e sismos, sendo que um terço desses exercícios serão executados em realidade virtual sob a organização da Escola Nacional de Bombeiros. Em maio e outubro tivemos cá 24 elementos a fazer um curso do 1º Nível do



mecanismo europeu e penso que é a primeira vez que tal acontece. Tivemos connosco uma equipa de bombeiros da Áustria durante uma semana, movidos pelas alterações climáticas, a aprenderem como combater incêndios florestais; tivemos recentemente, durante uma semana, uma equipa de bombeiros da brigada de Berlim a aprender a criar cenários para a realidade virtual e com o mesmo objetivo, recebemos representantes da Eslovénia... Hoje, Portugal pode orgulhar-se por termos um centro de simulação ao nível da formação de bombeiros e proteção civil que se traduz num modelo que a Europa tem vindo a seguir. Aqui, trabalhamos a um nível de formação que ultrapassa a manobra. Esta treina-



se nos quartéis, e trabalham-se os domínios tático/estratégico, processos de tomada de decisão, gestão operacional, etc. Basicamente, treinamos pessoas que terão que ser competentes em três áreas fundamentais: desde logo, com uma boa capacidade de avaliação de situação, esta capacidade permite-lhe uma tomada de decisão, que implica a definição de uma estratégia para a resolução de um problema; e, quando a estratégia não está a ser adequada, temos que a reformular. E é esta uma das funções da Escola: formar chefes e comandantes, mas não só, e assegurar a formação generalizada dos bombeiros. E esta ferramenta tecnológica permite-nos perceber como, do ponto de vista pedagógico, utilizamos o software e como desenvolvemos as capacidades cognitivas através de um processo intuitivo baseado em conhecimentos prévios. Esta ferramenta foi implementada em 2015 e contempla uma variedade muito significativa de cenários de complexidade técnica para treino operacional em diferentes ambientes, hoje já temos mais inovações, como um simulador de helicóptero, com uma viatura que nos permite trabalhar todo o processo comunicacional terra-ar, ar-terra, nomeadamente para os fogos florestais. Foi um grande investimento que a Escola fez!

Está na presidência da ENB desde 2013 e já imprimiu à instituição um cunho muito pessoal...

Existem três áreas que, confesso, me dão um prazer particular: a abertura da Escola ao conhecimento em termos europeus e os projetos em que temos estado envolvidos; a questão das infraestruturas, com a valência da formação com recurso ao Centro de Simulação de Realidade Virtual mas também o facto de termos conseguido, em 2016, concretizar em Sintra algo que era um sonho desde a primeira direção: a construção de um campo de treinos. E simultaneamente, toda uma lógica de certificação de conhecimentos dos bombeiros portugueses. Tudo aquilo que hoje se verifica no Catálogo Nacional das Qualificações referentes ao bombeiro resulta de um trabalho realizado pela ENB. Por fim, toda esta disponibilidade de abertura a todas as áreas da sociedade portuguesa: começando pelos bombeiros, sejam universidades, empresas, agrupamentos de escolas ou o Instituto de Emprego e Formação Profissional, com o qual temos protocolos.

HILTI cultura de liderança

A Hilti é líder mundial no desenvolvimento e produção de software, ferramentas, serviços e tecnologias inovadoras para os profissionais da construção civil. Presente em mais de 120 países e com 30 mil colaboradores, desenvolve soluções que permitem aos seus clientes construir mais rápido, mais facilmente e com elevados padrões de segurança e cria software, ferramentas, serviços e tecnologias inovadoras para os profissionais da indústria da construção. Diariamente, através das tecnologias que desenvolve, a Hilti apoia os mais desafiantes projetos de engenharia do mundo, seja com as ferramentas elétricas Hilti ou com o apoio de software para a construção, desde o famoso comboio de alta velocidade no Japão, a túneis de metro que passam por baixo das maiores cidades do mundo. A empresa oferece a solução completa, desde software para design, produtos e ferramentas Hilti usadas em obras, formações, reparações, demonstrações das soluções e consultoria.

Um dos fatores de diferenciação da Hilti resulta de uma cultura muito própria de seleção e valorização da carreira profissional dos seus colaboradores. Diversas vezes reconhecida como a empresa mais feliz de Portugal, título renovado em 2019, também o Great Place to Work Institute reconheceu recentemente a Hilti como um dos melhores empregadores multinacionais na Europa pela oitava vez. Os colaboradores da Hilti foram particularmente positivos na sua avaliação na orientação futura da empresa familiar e da cultura empresarial que a inspira.

Exemplo desta cultura de reconhecimento e valorização, Francesco Bandini é desde janeiro de 2019 o Diretor Geral da Hilti Portugal, um talento recrutado pela Hilti Itália em 2016 e que, em apenas três anos viu distinguidas as competências. Em entrevista, descreve-nos o desafio... **Em janeiro de 2019, o Francesco assumiu o desafio da direção geral da Hilti Portugal, uma empresa que tem evidenciado ao longo dos anos uma expansão progressiva... O que o motivou?**

Foi sem dúvida um grande desafio... confesso que seria mais fácil ter um ponto de partida menos exigente mas, pelo amor que tenho por esta empresa e pelos seus profissionais, estou muito feliz por terem depositado em mim esta confiança. E claro que fico muito feliz pela situação da empresa, sem dúvida muito desafiante, partindo na altura já com resultados ótimos e em crescendo. Temos uma equipa forte, o que

tem possibilitado manter a tendência de crescimento contínuo e de sucesso. Diria que temos tido todas as cartas fundamentais para jogarmos a nossa partida com muita clareza e sem qualquer receio. É verdade que poderia ser mais fácil mas gosto de desafios.

Como foi o seu passado na Hilti, até chegar a Portugal?

Comecei em 2016, na Hilti Itália, uma empresa muito grande no seio do mundo global da Hilti, inicialmente como diretor dos canais de vendas, assumindo todo o network das lojas Hilti em Itália, ou seja, 120 lojas com um brand único. Paralelamente, assumi a direção do Customer Service. Foi um trabalho fundamental para compreender as dinâmicas, o negócio e o mercado da Hilti. Passado um ano fui promovido a vice-presidente da Hilti Itália, com responsabilidades também na venda direta, trabalho que desenvolvi durante dois anos. Simultaneamente, era o responsável por toda a estratégia para o sul da Europa no trade Energia e Indústria, redefinindo a forma como a Hilti deveria trabalhar nestes setores nos mercados do sul europeu. Desde janeiro de 2019, exerço a função de diretor geral da Hilti Portugal.

Todo esse percurso confirma aquilo que tem sido tornado público e que tem distinguido a Hilti até com vários prémios: a empresa oferece oportunidades de carreira e reconhece e premeia a produtividade dos seus colaboradores...

Sem dúvida! E essa é uma das razões para termos sido considerados diversas vezes a melhor empresa para trabalhar em Portugal. Para nós, o recrutamento de jovens talentos é fundamental. Selecionamos pessoas que se adaptam à nossa cultura, muito particular e forte, baseando-se na integridade, no trabalho em equipa e na inovação. Na verdade, filtramos e rastreamos muito a entrada de novos elementos na equipa para estarmos seguros de que as pessoas que recrutamos são as que necessitamos e as que têm o perfil ideal. Depois, uma vertente fundamental do exercício dos nossos diretores é o trabalho que desenvolvem com as pessoas para assim desenvolvermos os nossos talentos... Foi basicamente o que foi feito comigo em Itália. É um percurso desafiante, muito exigente no curto prazo, em que temos que demonstrar compreensão do mercado e utilizar todas as ferramentas estratégicas e digitais de que dispomos. E sempre que as pessoas demonstram evolução e resultados a Hilti sabe reconhecer e oferece novas oportunidades de crescimento. E

oferece também experiências diferentes daquelas a que estamos habituados. A Hilti também oferece aos seus colaboradores portugueses a oportunidade de trabalhar noutros países. Somos uma grande empresa multinacional, e para darmos oportunidades de desenvolvimento aos nossos colaboradores, a ligação à Hilti multinacional é extremamente forte. E a história da Hilti demonstra-o: temos mais de 60 colaboradores com funções de chefia que começaram na Hilti Portugal e que passaram por experiências noutros países. Desenvolver talentos é fundamental para nós e será mesmo o pilar de uma empresa feliz.

Que significado assume, para si, o termo líder?

Desde logo, um líder tem que definir que tipo de liderança pretende estabelecer. Existem vários tipos de líderes e creio que não se deverá aplicar uma definição genérica. Repare: um líder com 35 anos, que vem de outro país, não pode ser o mesmo que outro com 60 anos, com mais de 30 de experiência específica no mercado... o líder é uma pessoa que tem um brand claro, que define objetivamente o que valoriza, porque tem que delinear uma orientação estratégica clara para toda a empresa. Tem que ser capaz de objetivar onde pretende chegar a empresa nos próximos quatro, cinco e dez anos. Depois, tem que ser um grande comunicador, pois tem que saber transmitir claramente como pretende atingir os objetivos definidos e criar participação e partilha na decisão. Envolver as pessoas é fundamental, assim como criar clareza e tranquilidade nos objetivos de cada colaborador, o que permitirá depois fazer avaliações justas do trabalho de cada um. Há que ligar a visão de longo prazo da empresa com a atividade diária de cada departamento e pessoa e assegurar que existem coerência entre todos estes vetores.

Ser o player número dois chega para a Hilti?

Não gosto de ser o número dois (risos)... O objetivo é, indubitavelmente ser o número um e esta empresa pode sê-lo. Já temos aplicações em que somos o número um e temos seguramente muito espaço, até porque o mercado português se encontra em desenvolvimento e é fundamental aproveitarmos todas as oportunidades que vão surgindo. Para sermos o número um temos que antecipar o futuro com decisões estruturais que nos permita obter sucesso nos próximos anos. A Hilti é o top line e nunca ficaremos satisfeitos por sermos o número dois. O ADN desta empresa obriga-nos a procurarmos ser o número um.





Ecovia do Rabaçal: há segredos que vale a pena partilhar...

A sinestesia perfeita entre o toque humano e a veia criativa que a natureza pode despertar... Percorrer a Ecovia do Rabaçal, no concelho de Valpaços, é viver uma espécie de narrativa que elege como personagem principal o rio Rabaçal, num cenário idílico, edificado em traços geológicos que elevam a experiência a tons quase sobrenaturais.

As serras circundantes, imponentes, definem os trilhos, combinando aventura, património histórico e natureza. Essa mesma natureza, que adjectiva a "Terra Quente", em tons policromáticos, que se alonga por 50 km e que resulta numa miscelânea de séculos de virgindade pura com a posterior intervenção humana, onde ainda prevalecem muitos mistérios por desvendar.

Uma iniciativa do Município de Valpaços, outorgada pelo selo de qualidade da National Geographic, que resulta numa estratégia de turismo de natureza diferenciada, dotada de passadiços, equipamentos de apoio a praias fluviais, pontos de pesca e de observação de aves. Um deleite para os amantes da natureza!

Durante cerca de três anos, foi desenvolvido um intenso trabalho de prospeção de velhos caminhos e territórios longínquos do alcance humano, considerados de elevado potencial para

transformação em trilhos e captação de visitantes. O resultado está agora à vista e a larga superação das expectativas inicialmente definidas quanto ao número de visitantes é o melhor indicador do potencial que a região e o projeto em si encerram...

Se é a geologia que condiciona a atividade humana nas imediações do rio Rabaçal e se a montanha e o



planalto forçam o ser humano a encontrar vias criativas para extrair sustento da terra, essa teria de ser a narrativa do projeto ambiental: "mergulhar a fundo" no rio e envolver a serra. A autarquia de Valpaços elegeu estas premissas como motor e criou três percursos lineares, que elegem como denominador comum o ponto de partida, a Praia Fluvial do Rabaçal, junto ao parque de campismo com o mesmo nome. Distribuem-se pela chamada Terra Quente, onde predomina um dos grandes produtos que dá fama à região, o azeite, avançam pela chamada Terra de Transição, onde predominam o olival e a vinha... Um périplo marcado pela biodiversidade, onde não há percursos de extrema dificuldade, nem ninguém fica para trás.

Há também um amplo património histórico que não foi descurado, destacando-se uma grande concentração de lagares escavados na rocha, que testemunham a antiguidade da cultura vinícola na região. São dois mil anos de solos remexidos e cuidadosamente tratados até proporcionarem o apreciado néctar. Encontram-se ainda no concelho sepulturas na rocha, vias e pontes, vestígios de concheiras e antigas explorações agrícolas da época romana que contam uma história quase tão antiga como as próprias rochas. Aventure-se e partilhe estes segredos!



Somos um concelho privilegiado e capaz de competir nas mais variadas áreas com os destinos mais prestigiados. A Ecovia do Rabaçal representa um dos pilares de uma forte aposta diferenciadora no turismo, que permite um contacto direto com a nossa extraordinária fauna e flora, um passeio pela nossa cultura ancestral, mas ao mesmo tempo que permite experiências novas. Sem dúvida uma aposta ganha do Município.

Amílcar Castro de Almeida
Presidente da Câmara Municipal de Valpaços

De Tinhela até ao Rio Rabaçal

O PR3 é um convite direto a uma caminhada pela cultura. Apesar de mais afastado do rio, é aqui que encontra o maior leque cultural dos PR's do território. Depois da aldeia de Tinhela encontrará o Rio Calvo, um reduto da natureza, menos conhecido e que atravessa as ruínas da aldeia do Calvo, que só é visitável a pé. Esta zona é muito marcada pela presença de vestígios ancestrais das práticas agrárias e tecnológicas como é o caso dos moinhos de água e dos lagares cavados na rocha. A seguir a Santa Valha encontraremos a aldeia de Fornos do Pinhal, lugares de excelência para a produção de vinho e azeite.

PR3
VLP

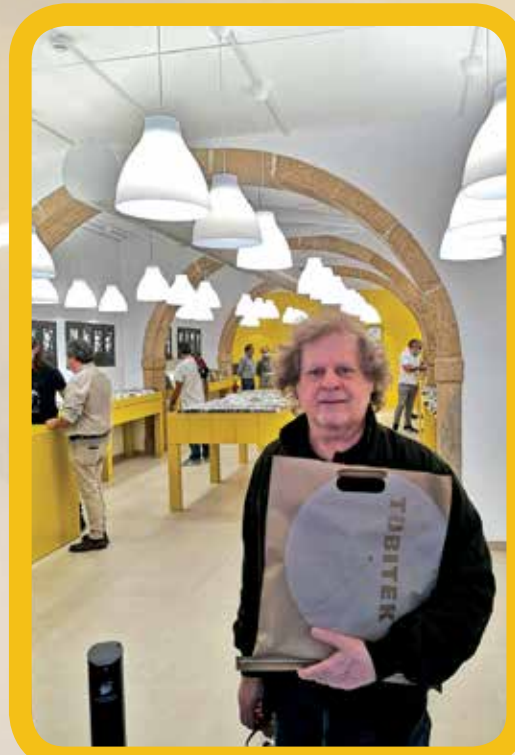


De Sonim à Praia Fluvial do Rabaçal

O PR1 começa em Sonim e vai até à Praia Fluvial do Rabaçal. Por ser mais a norte desta ecovia, é um percurso cheio de diversidade, com uma paisagem rugosa que representa bem as entranhas de Trás os Montes. A escassez de solo fértil e o acesso difícil explicam o facto de a presença humana ser aqui menos evidente. Este percurso é perfeito para quem procura alguma aventura, e com a presença de fragas graníticas encontramos a Via Ferrata, junto à localidade de Barreiros, que proporciona uma experiência mais intensa para quem aprecia a verticalidade e a aventura. No topo da Fraga da Via Ferrata encontramos uns monóculos que permitem a visualização de toda a envolvente e das aves ali presentes. Esta Via Ferrata, a norte do Douro, é a maior infraestrutura do género e uma das mais entusiasmantes de todo o território nacional. Aqui deslumbramos uma paisagem magnífica com um vale profundo e muito selvagem. Ao longo deste percurso, e nesta zona do rio é possível praticar Rafting, pois a corrente é mais forte e propicia esse tipo de desporto.

Praia do Rio Rabaçal até Lilela

Este percurso começa junto à Praia Fluvial do Rabaçal, uns metros depois encontraremos a Ponte do Arquinho, uma ponte romana do século I d.C. Neste percurso podem conhecer a Aldeia do Cachão, uma aldeia desabitada, mas um jardim de várias árvores de frutos pois a população das aldeias vizinhas continua a cultivar os terrenos. Seguindo a margem do Rio Rabaçal chegará à Praia Fluvial de Rio Torto, onde poderá encontrar lontras e uma represa que forma um espelho de água. Para além da vegetação ripícola, encontrará ainda a presença de náíades (mexilhões de água doce) concentradas nas margens onde encontram um dos seus principais refúgios. Junto à Foz do Rio Torto encontra um observatório de aves que permite a visualização de várias espécies, como é o caso da Garça Cinzenta. Neste percurso, a geografia é completamente diferente dos restantes percursos (PR1 e PR3) o que contribui para que a observação de aves e animais selvagens seja mais facilitada.



Tubitek - Lisboa

Tubitek - Porto

Tubitek: música sem fronteiras

Baixa de Lisboa acolhe loja de discos icónica em Portugal

A Tubitek, mítica loja de discos com raízes na cidade do Porto que remontam aos anos 80, acaba de estender a sua presença física à capital. A inauguração da nova loja de Lisboa decorreu no dia 13 e oferece aos amantes da música um espaço com 140 metros quadrados localizado no Chiado, mais precisamente na Rua do Crucifixo, nº79, ao lado da saída de metro Baixa Chiado. Presença assídua na memória dos portugueses, a Tubitek dispõe já de lojas no Porto, junto ao Teatro Rivoli, em Braga, Leiria e, agora, também em Lisboa. Com uma forte aposta no vinil – a oferta inclui um portefólio com mais de um milhão de títulos – a Tubitek vende igualmente o formato de CD. Neste

local de culto é também disponibilizada a compra por encomenda, sem valor acrescido de custo. Outro fator de diferenciação da Tubitek reside na área audiófila de hi-fi, com a oferta de um departamento de apoio nessa vertente. Um dos rostos mais visíveis da Tubitek, Rui Borges, acumula já três décadas de dedicação ao projeto. Em entrevista, sustenta a ambição desta nova aventura na capital portuguesa: “O que nos motivou a abrir uma loja em Lisboa foi o facto de sentirmos que, neste momento, estamos a fazer toda a diferença no mercado do Porto, Braga e Leiria, e que conseguimos transportar para a capital o nosso modus operandi com a intenção de, também aí,

conseguirmos ser a loja de discos de referência e preferência de todos os que gostam e compram música nos seus vários formatos”. Numa viagem no tempo, Rui Borges recorda que “a Tubitek, loja com uma já longa história, surgiu no Porto nos finais dos anos 70. Era um local de culto, responsável pela formação musical de muitos portugueses. Fechou no ano 2000, mas a sua importância para a cidade justificou a reabertura do espaço em 2014 pelas mãos de Abílio Silva, administrador do grupo Compact Records”. Mas a riqueza histórica por si só não é garante de manutenção do epíteto de local de culto, como muitos lhe reconhecem. Por isso, nos tempos que

correm, “preservando o seu estatuto de referência, mantém uma extensa oferta de discos novos de vinil e CDs, com novidades e reedições de quase todas as linguagens musicais, também gira discos, acessórios de manutenção e capas protetoras dos vinis. São várias as figuras públicas e os anónimos que nos visitam com frequência e que nos dão um feedback muito positivo do trabalho por nós desenvolvido. Temos uma experiência adquirida difícil de igualar, e que nos dá uma força e vontade interior de fazer mais e melhor”, salienta Rui Borges. Não limitando a sua presença às lojas ou ao mercado online, a Tubitek tem marcado presença em vários eventos musicais de relevo, como

explica Rui Borges: “Paralelamente, fomos estando presentes em várias ações fora de portas, como o Nos Primavera Sound, Coliseu do Porto, Hard Club, Centro Cultural Vila Flor, entre outros, o que nos fez conhecer melhor o público melómano. A expansão aos mercados de Leiria e Braga deu-se naturalmente pelo facto de sentirmos que estamos a fazer a diferença. Voltando à nova loja de Lisboa, numa altura em que os cuidados com a segurança têm que redobrar, Rui Borges explica que “temos uma loja com 140 metros quadrados, com um espaço agradável e onde a circulação de todos os que nos visitarem, será assegurada num ambiente pensado para

oferecer toda a segurança. Estaremos abertos de 2ª feira a sábado das 10h00 às 19h30”. “Em termos pessoais”, finaliza, “é um enorme prazer fazer parte do grupo Compact Records e aproveitar para agradecer à administração a confiança e liberdade de trabalho que me tem sido dada para concretizar todos estes projetos Tubitek. Embora seja eu a liderá-los, não estou sozinho; conto com uma equipa de trabalho excepcional, super profissional e motivada. Saliento o facto de estarmos em contraciclo, pois com ou sem pandemia, é um enorme desafio abrir uma loja de discos nos dias que correm. Esta abertura da Tubitek em Lisboa é um sonho tornado realidade”.



Santa Casa da Misericórdia de Alegrete

Um compromisso de solidariedade com 500 anos

Maria do Carmo Serrote é a provedora da Santa Casa da Misericórdia de Alegrete, uma instituição inserida numa freguesia alentejana muito peculiar, com apenas 2 mil habitantes, marcada por um cariz eminentemente rural e dotada de uma riqueza paisagística e patrimonial ímpar. Registos históricos apontam para uma atividade que remonta, pelo menos, ao longínquo ano de 1525, durante o reinado de D. Manuel I mas acredita-se que a SCMA se encontre a celebrar 500 anos de existência, face a um despacho de D. João datado de 1520. Atualmente ao leme da instituição, Maria do Carmo Serrote encarna o mesmo espírito que obedeceu à fundação da missão, com o altruísmo e dedicação que asseguram a minimização das desigualdades bem presentes num país que teima em esquecer o interior, as suas populações e instituições. Visitámos a obra da Santa Casa da Misericórdia de Alegrete e testemunhámos vivências marcadas pela proximidade, carinho, profissionalismo e um cunho de modernidade impresso pela atual mesa administrativa. Na primeira pessoa, e com a tradicional arte alentejana de bem receber, Maria do Carmo Serrote descreve-nos a sua definição de missão: “Ao longo de cinco séculos de existência, as Santas Casas de Misericórdia têm sido espaços onde todos e cada um podem dar e receber consoante as suas possibilidades ou necessidades, no âmbito de um compromisso de solidariedade social assente em valores cristãos. O reconhecimento dos direitos de cidadania é uma conquista recente que, após uma longa evolução, permitiu consagrar a pessoa como elemento e valor fundamental da existência humana”. Como frisa a Provedora, “a Santa Casa da Misericórdia de Alegrete, com cerca de 500 anos de existência ao serviço da população de Alegrete, tem vindo desde sempre a apoiar as franjas mais

carenciadas desta população, apresentando-se hoje com o mesmo espírito de serviço, norteando-nos também objetivos de modernização e de crescente aumento de qualidade dos serviços que prestamos aos nossos utentes”, alertando que “para isso, necessitamos de todos para alargar a nossa obra e, sobretudo, necessitamos de ajuda para resolver problemas financeiros que estamos a enfrentar e que a continuarem poderão por em risco a continuidade desta Santa Casa”. Atualmente, a instituição oferece as valências de centro de dia, apoio domiciliário, lavandaria, e ERPI com capacidade para 29 utentes, destacando-se o serviço de transporte assegurado sempre que é necessário deslocar utentes entre valências, acompanhamentos ao exterior ou apoio na aquisição de bens ou serviços. Com poucos recursos, a SCMA recorre ao espírito solidário da população que comunga a missão da instituição, como atesta a Provedora: “A expansão do voluntariado social mostra que a iniciativa particular, como complementaridade da sociedade civil, em obediência ao princípio da subsidiariedade, é hoje unanimemente reconhecida e é uma esperança para o futuro. Espero que cada um fique mais próximo desta Santa Casa e que se juntem a nós na prática diária das obras de Misericórdia, e que em conjunto possamos todos continuar a servir quem precisa”. Contexto característico do interior do país, esta é, na definição Maria do Carmo Serrote, “uma freguesia muito dispersa, a maior do concelho de Portalegre. Na valência do apoio domiciliário temos cerca de 20 utentes a quem prestamos serviços de refeições, duas vezes por dia, durante todo o ano. Fazemos muitos quilómetros diariamente e por maus caminhos... Nesse âmbito, prestamos serviços de higiene da casa, pessoal e de vestuário,



procedemos a pequenas reparações... e assim os mantemos nas suas casas. Depois, temos um centro de convívio frequentado por pessoas da vila a quem entregamos as chaves e elas tratam do espaço. É um espaço de encontro destinado a pessoas que ainda conseguem conviver e desenvolver atividades e que não necessitam de frequentar a ERPI”, acrescenta.

Ainda no plano da minimização das assimetrias geográficas, a Provedora frisa que “atualmente, empregamos 32 pessoas, sendo a primeira entidade empregadora da freguesia. Diria que o futuro de Alegrete, sem a Misericórdia, seria muito mau... mas o panorama da instituição é também muito mau, porque lutamos ano após ano contra dificuldades financeiras. Não há atualmente uma descriminação positiva para as zonas mais isoladas e com baixos rendimentos e, crescendo a isso, a nossa ERPI é pequena, o que nos dificulta a sua viabilização financeira em termos de economia de escala. Atualmente, atrever-me-ia a afirmar que somos uma espécie de unidade de cuidados continuados, com a agravante de que não o sermos no papel nem temos os recursos nem dotações orçamentais para o sermos. Por isso, andamos sempre na corda bamba quando apresentamos resultados líquidos... Neste momento a tônica é rentabilizar e modernizar para que, com os recursos atuais, possamos fazer mais e melhor. A informatização já é uma realidade, o próximo passo é o registo da vida diária digital relativo às tarefas dos nossos profissionais. Modernizar os serviços é uma prioridade. Em simultâneo, não descuramos a oportunidade de alargarmos o edifício que alberga a ERPI, aumentando a capacidade em oito quartos, o que por si só nos bastaria para obtermos um orçamento positivo ao final do ano”.

Uma motivação que vem dos genes...

Sou professora aposentada de física e química com origens de Sesimbra e vim para Alegrete, colocada pelo ministério há muitos anos... casei e por cá fiquei... Depois, voltei para uma escola em Sesimbra, fui responsável pela educação em Setúbal e, quando me reformei, voltei a Alegrete. Confesso que, há dez anos, quando ingressei na instituição, o panorama não era assim tão mau mas, ainda que assim fosse, viria à mesma... gosto de desafios. Estive em órgãos de gestão durante vários anos, fui diretora de escolas, presidente de conselhos diretivos e sempre foi para mim congratulante a gestão e o contacto próximo com pessoas. Era irmã da Misericórdia, fui desafiada a assumir a função de provedora e cá estou há dez anos, onde me sinto feliz de cada vez que alguém procura a instituição para fazer uma inscrição de um familiar com o argumento de ter obtido excelentes referências. Criam-se laços e conheço praticamente todos os utentes pelo nome.



Santa Casa da Misericórdia do Crato **Uma história riquíssima mas com final incerto...**

A Santa Casa da Misericórdia da Vila do Crato é uma instituição cujas raízes remontam a anos anteriores a 1520, não havendo um registo histórico do compromisso inicial. Sabe-se, porém, que antes de 1520 é atribuída pelo Rei D. Manuel I, à Misericórdia do Crato, a “esmola de quatro arrobas de açúcar anuais. Dos provedores e irmãos q@Aue, ao longo dos séculos, administraram a instituição, destacam-se os descendentes e familiares de Vasco da Gama, Fidalgos e Cavaleiros da Ordem de Cristo, os Caldeira de Abreu, Castelo Branco e Gama Castelo Branco.

Até ao início do século XX, a Santa Casa da Misericórdia do Crato dedicou-se exclusivamente à área da saúde, através do seu hospital. É já no século passado que surgem os projetos e ações de cariz social, como a tradicional distribuição de sopa aos pobres ou a posterior oferta de roupas e agasalhos. Em 1979, com a aquisição de um edifício com grandes potencialidades, a instituição começa a dar os primeiros passos na área social, criando as valências de lar e centro de dia, bem como um pequeno infantário. Em 1983, inicia-se a construção de equipamentos que viriam responder às mais latentes necessidades da população idosa e infantil do concelho, sucedendo-se várias ampliações no lar, a adaptação do antigo hospital a um centro de acamados, a construção de um jardim de infância, de dois centros comunitários e a criação

de várias novas valências. Atualmente, a instituição oferece as valências de ERPI e centro de dia, lar de grandes dependentes, unidade de apoio integrado, serviço de apoio domiciliário, cozinha comunitária, farmácia, centro infantil e dois centros comunitários. Apesar de todas as dificuldades que esta instituição enfrenta, inserida num meio pobre, desertificado e interiorizado, “não temos parado”, afirma, em entrevista e na primeira pessoa, o Provedor Mário de Carvalho Cruz...

Evolução histórica

“Já estou na instituição há mais de 30 anos e, como tal, obviamente, testemunhei muitas alterações. Até 1974, a principal missão da grande maioria das misericórdias era focada na saúde. Era rara a misericórdia que não tinha o seu hospital, muitos dos quais exerciam também uma vertente social. E o Crato não fugia à regra. Havia utentes que se mantinham no hospital até ao final de vida. Também era aí que os pobres se deslocavam para receberem refeições. E é a partir dessa altura que começamos a dedicar-nos, também na vertente social, à terceira idade e à infância. Fomos realizando sucessivas obras e adaptações até chegarmos a este pequeno mundo que hoje temos. Para dar uma ideia, quando entrei na instituição tínhamos 12 funcionários e cerca de 20 utentes e, hoje, temos 100 funcionários

e apoiamos cerca de 190 utentes”.

Valências

Temos atualmente todas as valências que são possíveis num meio como o nosso, ou seja, duas ERPI, cujos espaços têm sido alvos de várias remodelações, visando a sua ampliação e qualificação. Numa dessas estruturas, temos 64 utentes em permanência e 10 em centro de dia. Na outra unidade, um fantástico convento franciscano, temos acordo para 24 utentes e aí estamos a realizar uma grande obra de remodelação, através da qual pretendemos reforçar e qualificar a resposta aos desafios do presente e do futuro, nomeadamente a utentes com várias incapacidades, patologias e demências. No primeiro andar, teremos uma valência resultante de um projeto muito bom, exclusivamente dedicada às demências e, no rés-do-chão, pretendemos instalar uma valência de cuidados continuados na área da psiquiatria. Além disso, temos dois serviços de apoio domiciliário com 30 acordos, em Crato e Monte da Pedra, onde temos também um centro de dia, um equipamento recente. Também construímos um edifício de raiz que acolhe um centro infantil, onde temos valências desde o berçário ao pré-escolar. Temos ainda uma farmácia e alguns equipamentos na área cultural, como a Casa Museu Padre Belo, um espaço



extraordinário que resulta de uma doação do Padre Francisco Rosado Belo, um apaixonado pela cultura e pela museologia, que nos doou a casa e a coleção.

Fazer tanto com tão pouco...

Diria que, atualmente, somos até mais vocacionados para a área dos cuidados paliativos do que dos continuados. Hoje, é raro o utente que entra para esta instituição com menos de 80 anos e muitos vivem mais de 90 anos, o que traduz maiores dificuldades, desde logo do ponto de vista dos recursos humanos a que temos que recorrer. Vivemos num meio desertificado, pobre e esquecido no interior e, como se tal não bastasse, os sucessivos governos vão-nos criando dificuldades que impedem a maioria das misericórdias de responderem à missão para a qual foram criadas. E vamos adiando o nosso fim, fazendo nós próprios os paliativos aos recursos, gestão e finanças da instituição. Fomos forçados a contratar enfermeiros e médicos para respondermos com os melhores cuidados de saúde e sociais, adquirimos equipamentos modernos mas também reconhecemos que poderíamos fazer mais e melhor se tivéssemos outros meios. Mas a verdade é que as dificuldades financeiras são cada vez maiores. Confesso que nunca me havia passado pela cabeça chegarmos ao ponto de termos orçamentos negativos. Quando as despesas ordinárias são superiores às receitas ordinárias algo urge fazer, especialmente num meio pobre como o nosso. Ideias não nos faltam... falta é gente para as comprar... A título de exemplo, a nossa farmácia, que em tempos constituiu uma receita extraordinária, representa hoje quase uma despesa; criámos uma loja para vendermos artigos de misericórdias, onde temos duas costureiras que trabalham para a nós e para fora, onde temos artesanato, com trabalhos em madeira feitos dentro da própria instituição... Organizávamos festas, participávamos em eventos, acorriamos a todas as oportunidades... eu

costumava afirmar que onde houvesse a hipótese de ganharmos um euro estávamos lá... Hoje, defrontamo-nos com todas estas dificuldades e garanto-lhe que, se fechássemos portas, seria o fim do Crato. Hoje, o Crato é um concelho genuíno da área social e, tirando a autarquia e a misericórdia, pouco resta.

Uma vida dedicada à nobre causa solidária

Entre para a instituição em 1983 e por cá estou há 37 anos. Não sei bem o que

me foi motivando durante tanto tempo... talvez os meus princípios... É sem dúvida espírito de missão e admito que dedico mais horas à instituição do que à minha própria casa e família. Mas brevemente deixarei o cargo. Fui adiando sucessivamente essa decisão porque nunca surgiu ninguém que assumisse a função de provedor e fui criando uma espécie de “vício”, em que não conseguia viver sem vir aqui. Ficarei até esta última obra estar concluída, porque foi um sonho e compromisso que assumi. Mas já fiz a minha parte, sempre voluntariamente, e pretendo viver próximo da família os anos que me restam.



Um compromisso com a História de Portugal

“Este compromisso e privilégios queremos e mandamos que se cumpra e guardem na Confraria da Vila de Nisa, assim tão inteiramente como ele se contém, porque assim havemos por bem. Feito aos 17 de novembro de 1520. André Pires o fez. El-Rei”. No ano 1520, D. Manuel I aprovava através de alvará o primeiro compromisso da Irmandade da Misericórdia de Nisa, dando assim início a uma história que atualmente comemora 500 anos de missão.

Fundada a 17 de novembro de 1520, a Santa Casa da Misericórdia de Nisa continua a ser uma associação de fiéis, sob a forma de confraria, constituída na ordem jurídica canónica para satisfação de carências sociais e para realização de atos e culto católico. Atualmente, a Santa Casa da Misericórdia De Nisa possui as valências de ERPI, centro de dia, serviço de apoio domiciliário, centro infantil e extensão - lar. No total, estas intervenções beneficiam cerca de 300 pessoas. Entre o património da instituição, destaca-se a Igreja da Misericórdia, o edifício da Santa Casa da Misericórdia, a Praça de Touros de Nisa, o Hospital e herdades, algumas das quais de produção animal. Em entrevista, o Provedor António Valente e o professor de História José Carmona Ribeiro abrem-nos as portas desta instituição com cinco séculos de existência...

Riqueza histórica

A Fundação Lopes Tavares foi inaugurada em 1947. Posteriormente, a 30 de março de 1976, foi determinada a integração da extinta Casa de Nossa Senhora da Graça—Fundação Lopes Tavares, antigo Asilo de Nossa Senhora da Graça—Fundação Lopes Tavares com a designação “Casa Lopes Tavares” na Santa Casa da Misericórdia de Nisa. Foram Fundadores da primitiva Casa (Asilo da Nossa Senhora da Graça) por vontade do Srº Dr. José Joaquim Lopes Tavares, sua filha D. Palmira Fialho Ferro Lopes Tavares Lobo...

José Carmona Ribeiro A história

“No início do século XVI, Nisa era uma terra dotada de uma certa importância. Tinha uma comenda da Ordem de Cristo e, em meados de 1490, era alcaide-mor de Nisa João de Sousa, um dos intervenientes no Tratado de Tordesilhas. Quando este morre, é nomeado alcaide-mor de Nisa Vasco da Gama, que terá estado por cá provavelmente até 1519, até sair para a Vidigueira onde seria conde, antes de partir para o oriente. Entretanto, a instituição foi crescendo, com muitas doações e alvarás de sua majestade, desde D. Manuel a D. José I. A dada altura, a Misericórdia era o mais rico proprietário do concelho, surgindo posteriormente as leis de desamortização que impediam a aquisição ou aceitação de mais bens. Essas doações vêm praticamente até ao século XX, materializadas essencialmente em terras e casas. A Misericórdia era também apoiada pela Igreja da Misericórdia, datada do século XVI e, entretanto, renovada no século XVIII pelo capitão-mor da vila, Pais de Morais, que deixaria uma doação à Misericórdia para reabilitar o altar, hoje de estilo barroco. Do altar destruído, em 1992 foi descoberta parte do retábulo, uma peça espetacular, com um painel pintado no início do século XVI e que pode hoje ser apreciada”.



António Valente Das vastas doações às míseras participações...

“Como é sabido, as misericórdias iniciam a sua atividade dedicada desde logo aos enfermos e aos mais carenciados, viabilizando a sua obra e missão através das doações, contexto que viria a ser profundamente alterado após o 25 de abril. Receando e antecipando possíveis ocupações, o ex-provedor José Basso, que serviu a instituição durante 52 anos, fundiu duas instituições, a Fundação Lopes Tavares e a Misericórdia. Ora, José Basso, que foi um homem da I República e um dos fundadores da União das Misericórdias, sabia que o que era da Igreja à Igreja voltaria, assim que passasse a “poeira”. Após o 25 de abril, passámos a funcionar de acordo com um regime completamente diferente, o das chamadas IPSS, com as ERPI e demais estruturas comparticipadas pela Segurança Social. Atualmente, as misericórdias em geral estão a enfrentar grandes dificuldades. Praticamente todas têm acordos com a Segurança Social, que apenas comparticipa uma parte dos encargos relacionados com o funcionamento das valências. Neste contexto, há que recorrer a alguma criatividade e pragmatismo. No nosso caso, recorrendo aos bens que nos doaram, criámos uma produção agrícola própria na área da pecuária, que vai compensando a parte que a Segurança Social não comparticipa. Neste momento, a Misericórdia de Nisa é o segundo maior empregador do concelho, apenas superado pela autarquia. Empregamos 103 pessoas. E ainda suportamos custos de utentes que não podem pagar porque, simplesmente, não possuem recursos...”

Valências

“Como valências, temos atualmente lar, centro de dia, creche, jardim de infância e apoio domiciliário, ao abrigo do qual oferecemos cuidados de higiene, de saúde e alimentação. Em termos de utentes, no lar temos 120 pessoas, e cerca de 60 entre centro de dia e apoio domiciliário. E temos lista de espera... Quanto à área da infância, somos a única valência no concelho”.

Diagnóstico social e novos desafios

“Traçando um diagnóstico social do território, diria que Nisa é o concelho mais envelhecido do país, pelo que somos muito solicitados em matéria de assistência social. Como referi, temos a lotação do lar invariavelmente esgotada e, ao nível do apoio domiciliário e do centro de dia, as solicitações são imensas. Infelizmente, não temos políticas que promovam o desenvolvimento no interior enão havendo emprego, não pode haver natalidade nem fixação da população. Em 2018, morreram 64 pessoas na vila e nasceram na totalidade do concelho 24 crianças... Nota-se um retrocesso demográfico muito significativo. Neste momento, deparamo-nos com outro desafio: a esperança média de vida aumentou, as pessoas vivem mais tempo mas com muito mais patologias e limitações, inclusive do foro das demências, o que nos obriga a sermos cada vez mais dotadas de recursos especializados na área da saúde... Atualmente, posso afirmar que, sem a Misericórdia, o panorama de Nisa seria uma desgraça”.

Espírito de missão

“Já estou na instituição há 18 anos e há oito que exerço a função de provedor, sempre sem qualquer remuneração... Isto é um “bichinho”, sabe... É uma missão... Todos os dias venho cá e nem poderia ser de outra forma porque, atualmente, as exigências relacionadas com o funcionamento da instituição são em tudo semelhante às de uma grande empresa”.



Santa Casa da Misericórdia de Almeida:

Uma âncora que vai contrariando a desertificação



Guiados pelo Provedor Carlos Alberto Pereira, visitámos, uma das mais antigas misericórdias do país. Em Almeida, concelho do interior agastado pelo fenómeno do desemprego e da crescente desertificação, uma espécie de âncora vai teimando, década após década, em contrariar uma tendência que, muitos adivinham, poderá mesmo levar à extinção da população local. Obviamente, as dificuldades financeiras com que a Santa Casa da Misericórdia de Almeida são imensas mas, ainda assim, a obra notável que tem vindo a fortalecer, fala por si, mesmo sem a mais do que merecida adoção

de políticas de discriminação positiva, que teima em tardar. Atualmente, a instituição emprega cerca de 80 funcionários, sendo a mais empregadora do concelho, e oferece como valências uma creche, serviço de apoio domiciliário, estruturas residenciais para idosos e uma unidade de cuidados continuados de longa duração e manutenção. E a pertinência destas estruturas reflete-se na sua lotação, invariavelmente esgotada. Além de um périplo histórico, registámos a visão do atual timoneiro da instituição, o Provedor Carlos Alberto Pereira. A Santa Casa da Misericórdia de Almeida foi criada

no reinado de D. Manuel I, mais precisamente no longínquo ano de 1520. Numa carta dirigida ao rei, um morador da vila, o escudeiro real da coroa Pêro Garcia, garantia desde logo a oferta de sessenta mil reis para ser fundada uma confraria na já existente ermida de S. João. Edificada a primeira Casa da Misericórdia em 1528, assim como a Capela de S. João, foram destruídas com as guerras da restauração, que durou entre 1640 e 1668, o que motivou a construção de todo o complexo urbano da nova Santa Casa da Misericórdia de Almeida, composto por uma magnificente Igreja, anexada

a um belo hospital, com equipamento condigno e corpo clínico de reconhecida competência, tendo em conta que, em meados de 1650, a vila de Almeida tinha uma população civil bastante expressiva e um contingente militar de vários regimentos em pé de guerra.

Todas as despesas inerentes à sua construção foram suportadas graças a várias dádivas dos seus beneméritos, uma delas de cem mil reis da princesa portuguesa e Rainha de Inglaterra, D. Catarina de Bragança, quando passou por Almeida, regressada da Grã-Bretanha, em 1 de janeiro de 1692. Durante os períodos das guerras da Restauração (1640), da Sucessão (1762), Invasões Francesas (1807/1811) e lutas Liberais (1844), em que a Praça Forte de Almeida era assediada constantemente, a Misericórdia de Almeida teve uma participação muito ativa no campo da solidariedade, nomeadamente nos socorros a feridos e no enterramento dos mortos que se contaram por milhares.

Muitos anos volvidos, e face a múltiplas vicissitudes de toda a ordem, a vida social dos portugueses foi sofrendo profundas alterações, sendo de realçar as vivências dos habitantes da vila mártir de Almeida e povoações circunvizinhas, que se iam debatendo com os mais afrontosos e desumanos horrores, provocados pelos conflitos beligerantes que se seguiram, assolando toda a nação portuguesa e que aqui se refletiam. E também grande parte da monumentalidade urbanística que denunciava a olhos vistos uma longevidade assaz demasiado remota, a tais pontos de a Igreja da Misericórdia ter chegado aos nossos dias e entregue aos nossos cuidados num estado de autêntica ruína e o seu velho mas memorável hospital em condições verdadeiramente deploráveis. Neste último edifício, durante os dois últimos mandatos da Mesa Administrativa foram executadas grandes obras de remodelação, transformando as antigas dependências num lar de grandes dependentes. Por outro lado, a Igreja foi completamente renovada e as suas imagens brilhantemente decoradas e, em anexo, construídas duas dependências funerárias (velório e sala de estar) que muito dignificam o conjunto do Templo.

Anteriormente, no ano de 1991, a Mesa Administrativa daquela época, construiu de raiz no Bairro da Trigueira, extramuros da vila, um Lar da Terceira Idade, com a capacidade para 64 utentes, com todos os requisitos modernos exigidos pela lei em vigor. Presta-se também apoio aos idosos no domicílio, ao nível da confeção e distribuição da alimentação, tratamento de roupa, higiene pessoal e higiene habitacional. A Santa Casa faz ainda distribuição de alimentos às famílias da comunidade mais carenciadas.

Atualmente, a SCM Almeida dispõe das valências de creche (o jardim de infância foi encerrado há 4 anos por redução muito acentuada do número de crianças, consequência da abertura de uma sala de jardim de infância oficial e evolução demográfica muito negativa), serviço de apoio domiciliário, estrutura residencial para grandes dependentes, ERPI e uma unidade de cuidados continuados de longa duração e manutenção, que completam a obra social em que está envolvida para desenvolver tal atividade, cada vez com mais afinco e interesse. A atual Mesa Administrativa levou a cabo uma grande remodelação no complexo urbano que adquiriu por compra ao Estado e que serviu de instalação do ex-Externato Frei Bernardo de Brito, com a finalidade de desenvolver a resposta social de Unidade de Cuidados Continuados.

A Mesa Administrativa está presentemente muito

empenhada em prosseguir com a dedicação e carinho que sempre tem oferecido aos seus utentes, de forma a que estes, com o acolhimento que aqui recebem, se sintam bem entre e possam assim viver mais alguns anos com alegria e felicidade.

Convidando-nos a um breve périplo histórico, recorda Carlos Pereira que “após a nacionalização do Hospital da Misericórdia, a SCM de Almeida ficou praticamente reduzida a zero, sem bens para prosseguir a sua missão. Na época, o provedor de então, o Padre Manuel Gomes, procurou reerguer a instituição, retomando a atividade e focando-se nas crianças, com valências como creche e jardim de infância. Desde então, foi realizado um trabalho notável, nomeadamente com a remodelação e transformação do antigo hospital numa ERPI que, curiosamente, funcionou durante cerca de dez anos sem qualquer apoio - apenas no ano passado conseguimos o acordo com a Segurança Social.



Esta estrutura dispõe de 17 camas, das quais apenas 13 são convencionadas. Mais recentemente, construímos um edifício contíguo à ERPI para acolher uma creche e infantário mais condignos. Infelizmente, o despovoamento galopante da nossa região tem vindo a colocar seriamente em causa a viabilidade da continuação destas valências, ao que já aludimos mais acima. Confesso que temo que, se não houver um reforço de políticas de descriminação positiva para esta região, a nossa tendência natural será a extinção...”

Já numa fase mais recente da história da instituição, a aposta centrou-se na área da saúde, com o apetrechamento de uma unidade que viria a suprir uma carência há muito identificada na região, como frisa o Provedor: “A última fase da evolução da instituição prende-se com a constituição da unidade de cuidados continuados de longa duração e manutenção, uma área de extrema importância para a população da região. Adquirimos o edifício em hasta pública, procedemos à sua remodelação e infraestruturação e, após a execução de uma

notável obra, esta estrutura revelou-se infelizmente um péssimo investimento para a instituição, uma vez que na época o Estado atribuía uma comparticipação de 750 mil euros, independentemente do montante global, sendo que a melhor proposta de adjudicação que tivemos superou largamente as nossas expectativas iniciais, quase triplicando o valor da comparticipação do Estado. Apesar de tudo, a capacidade para 30 camas que a unidade oferece tem estado invariavelmente lotada”.

Quanto aos serviços prestados, Carlos Pereira explica que “diretamente, servimos atualmente cerca de 120 pessoas e somos o maior empregador do concelho, com cerca de 80 funcionários. Sendo o desemprego um dos grandes problemas do interior do país, a verdade é que, também a este nível, damos o nosso contributo para minimizar os impactos desta tendência de desertificação. Além de atuarmos junto das camadas sociais

mais desfavorecidas prestando serviços, ao empregarmos pessoas que de outra forma iriam muito provavelmente para o litoral ou emigrariam, também constituímos uma espécie de âncora para o interior. A título de exemplo, 50% das pessoas que trabalham na nossa estrutura mais vocacionada para a saúde são jovens licenciados”.

Num exercício que implica um contacto muito próximo com as famílias locais, o Provedor confessa-nos como surgiu a motivação de abraçar, pro bono, esta missão: “Quando vim para a instituição, sendo médico, tinha o privilégio de ser uma das pessoas que melhor conhece a população local. Sou do concelho, fazia serviços domiciliários e conheço muito bem a vivência destas gentes e trato a maioria pelo nome. Comecei por integrar uma lista na Irmandade que foi eleita, numa altura em que ainda exercia no centro de saúde local e é nessa altura que surge um gosto muito especial pela causa, que me levaria a assumir a vice provedoria e, há cerca de oito anos, a assumir o desafio de ser provedor”.

Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra

Há mais de cinco séculos a contrariar barreiras

Com mais de cinco séculos de existência, a Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra é uma instituição que apoia crianças, idosos e famílias carenciadas em Sesimbra. Foi fundada no Século XVI, desconhecendo-se a data exata. Alguns vestígios da estrutura arquitetónica primitiva da Santa Casa apontam como data de fundação o início do século. O Compromisso (estatutos) da Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra, conserva na sua essência as linhas mestras transmitidas pelo Compromisso da Santa Casa Mãe de Lisboa, que na época serviu de modelo para todas as Santas Casas do “Reino e d’Além-Mar”.

Atualmente, no panorama assistencial, a instituição mantém uma forte vocação de solidariedade social, concomitante com os seus princípios. Os primeiros serviços foram o hospital, o asilo e a

capela. Apenas esta última se manteve como o ex-libris da Irmandade. Na década de 70, o hospital foi integrado no centro de saúde e o asilo – que se deslocou para instalações aludadas – passou a designar-se Lar de Terceira Idade. Atualmente, as valências e serviços assegurados pela Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra estão distribuídas por estrutura residencial para idosos, centro de dia, ATL, apoio domiciliário (e integrado), acompanhamento psicológico e psicoterapêutico e fornecimento de refeições e distribuição de cabazes alimentares a pessoas carenciadas. É ainda dado apoio a várias famílias carenciadas que diariamente pedem ajuda à Misericórdia, como alimentação e vestuário ou serviço de saúde. Presentemente são distribuídos 135 cabazes alimentares que

abarcam um universo de 300 pessoas e mais de 1000 refeições mensais. A Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra emprega atualmente 96 funcionários. Sendo uma Instituição de Direito Canónico, proporciona aos membros da Irmandade e à população em geral, serviços efetuados pelo capelão. Na Capela da Misericórdia encontra-se a Imagem do Senhor Jesus das Chagas, desde a sua aparição na praia de Sesimbra em 1534, donde sai anualmente para a Igreja matriz, para se efetuarem as tradicionais festividades que são já de âmbito regional. Existe também um espólio de Arte Sacra, estando algumas destas imagens à guarda da Câmara Municipal de Sesimbra, em exposição no Museu de Arte Sacra Municipal, entre outras o famoso quadro de Gregório Lopes, representando a Nossa Senhora das Misericórdias. A Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra também colabora em vários eventos nas festividades locais. Para além do suporte financeiro das entidades

tutelares, nomeadamente a Segurança Social, a Misericórdia vive do apoio que os irmãos Ihes prestam. Em entrevista e na primeira pessoa, o Provedor Manuel Bernardino abre-nos as portas da instituição...

Do antigo asilo à especialização em saúde e ação social

“Temos uma misericórdia que, de acordo com os registos, terá sido fundada nos primeiros anos do século XVI, tendo pois mais de 500 anos de existência. Nessa altura, como as demais, a instituição dedicava-se às 14 obras da Misericórdia, com um foco particular nos cuidados primários de saúde. Pelo que me recorde, ao longo de 60 anos de vida, a Misericórdia era o hospital, onde eram oferecidos os cuidados primários de saúde e o asilo dos idosos, que acolhia e recuperava pessoas completamente abandonadas, e a capela, local de culto... Com o 25 de abril, dá-se a nacionalização do espaço do hospital e do asilo. Nessa altura, a Misericórdia viu-se forçada a alugar um edifício, que ainda hoje alberga o nosso Lar Santiago da Terceira Idade, com capacidade para 33 utentes. Face à escassez de resposta, sentiu-se posteriormente a necessidade de criar um lar novo, inaugurado no final da década de 80, o Lar Sr. Jesus das Chagas. Entretanto, implementámos o serviço de apoio domiciliário, através do qual apoiamos 65 pessoas, sendo que nos candidatámos no ano passado a ampliar a capacidade de resposta para mais meia dúzia de utentes e nem uma resposta obtivemos por parte do Estado... Em suma, temos duas ERPI, com acordo para 58 utentes, um ATL com 82 crianças, um centro de dia com mais de 20 pessoas, o que significa que apoiamos diretamente,

através destas nossas valências cerca de 250 pessoas. Para além disso, são mais de 10 mil as refeições que anualmente fornecemos gratuitamente, assim como cabazes alimentares que servem cerca de 300 pessoas mensalmente. Recentemente, constituímos uma equipa de três psicólogas, onde oferecemos consultas de psicologia. A estas, seguiram-se consultas de fisioterapia e de acupuntura a preços sociais para a comunidade local e a título gratuito para os nossos utentes. Acresce que empregamos mais de 100 pessoas”.



Um Estado que se demite de responsabilidades

“Acho inaceitável o comportamento do Estado, que vai fingindo que a instituição se resume à ERPI quando, na verdade, na área da infância, temos sistematicamente prejuízos na ordem dos mil euros mensais, valor que dispara abruptamente quando falamos dos dois lares porque a comparticipação do Estado roça o ridículo. Hoje, recebemos utentes muito mais limitados, grande parte dos quais completamente dependentes e que carecem de cuidados constantes durante todo o dia. Estes lares são hoje muito mais equiparados a unidades de cuidados continuados mas a comparticipação não é adequada ao tipo de cuidados que prestamos nem à tipologia de população que servimos. Repare que, no ano 2000, tínhamos 80 funcionários e hoje temos 110... para tratar o mesmo número de utentes. E, comparativamente, em dez anos perdemos cerca de 15% ao nível das comparticipações. Se a isto somarmos a maior dependência dos utentes, os 30 novos funcionários e os aumentos salariais... O Estado está claramente a aproveitar-se e a explorar o nosso espírito voluntário. E a grande preocupação por parte da Segurança Social, quando nos visitam,

é fiscalizar se um quarto tem oito metros... apesar de constatarem que os idosos estão bem alimentados, higienizados, bem instalados e satisfeitos”.

A ambição de criar o melhor lar do país

“Quando vim para a Misericórdia encontrei uma instituição a precisar de uma enorme transformação... Temos uma encarregada que já me confessou que conseguiu transformar isto numa grande casa e tenho o orgulho e o convencimento de que temos os melhores lares do país em termos de atendimento e de serviço. Temos uma cozinha excepcional e muito elogiada pelos utentes, temos uma oferta assistencial de topo... Confesso que, quando ingressei na instituição, não conseguia entrar nos lares e, hoje, ouço os idosos dizerem que vieram para um hotel... Temos realizado obras, dentro do que podemos, e melhorado a vários níveis. Falta o tal carinho e reconhecimento por parte do Estado. O que me mantém nestas funções é o espírito de missão e a ambição: pretendemos reconstruir o lar e já temos o projeto aprovado que visa a modernização e o aumento da capacidade e, aí sim, convido-o para vir cá visitar o melhor lar do país”.





Desde 1668, ao serviço do bem comum

Lares Residenciais para a deficiência – Casa S. João de Deus e Casa N.ª Sr.ª da Visitação; Residência Autónoma; Centros de Atividades Ocupacionais; Creche; Centro de Medicina Física e Reabilitação; Farmácia Nuno Álvares; Posto de Serviços/CTT; Serviço de Apoio Domiciliário; Equipa concelhia do Rendimento Social de Inserção; Entidade Coordenadora e Mediadora do Programa Alimentar de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas – Oliveira do Hospital/Tábua; Igreja da Misericórdia; Cemitério da Misericórdia; Quinta Pedagógica

Brevemente: Lançamento de Concurso Público



Creche S. João de Deus



**Núcleo
Museológico**

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE GALIZES

Rua da Misericórdia, 60 - Galizes

Apartado 4

3400-443 NOGUEIRA DO CRAVO OHP

Telefone: 238 670 070/238671255

www.scmgalizes.com

geral@scmgalizes.com

Colmeal Countryside Hotel Land of Silence

Escondido na Serra da Marofa, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, o Colmeal Countryside Hotel é mais que um hotel rural. Situado num histórico espaço rural, respeita na sua traça arquitetónica as características locais. Mas mais ainda respeita a tradição de bem receber com um novo olhar – o silêncio.

Numa quinta dispersa por mais de 650 hectares, fica a histórica e desabitada aldeia do Colmeal. A diversidade da sua herança cultural revela-se nas antigas habitações de xisto e granito dos pastores lusitanos, numa igreja do século XV e nas pinturas rupestres do período neolítico. Um cenário perfeito carregado de simbolismo e história, que convida a um novo conceito de slow tourism...

Neste espaço de equilíbrio podemos quebrar o silêncio para ouvir. A nós próprios, a quem mais nos importa e a natureza, no seu estado mais puro e contemplativo. E assim recomeçar, aspirando a novas possibilidades, pois ouvir também é compreender. O Colmeal Countryside Hotel representa um convite à serenidade. Encontre o que precisa para se desligar do mundo e ligar-se a si próprio.

Escolha a sua rota. E pelo caminho, encontre-se

A região multiplica-se em encantos que merecem uma visita propositada. Aldeias históricas e monumentos, parques naturais e arqueológicos, termas e desportos de inverno, iguarias regionais e adegas. A oferta inclui quatro rotas: cultural, natural, gastronómica e de descanso. Tudo a menos de 60 minutos do Colmeal Countryside Hotel.

Loja própria com produtos regionais

A complementar uma oferta altamente diferenciada, o Colmeal Countryside Hotel ligou-se à terra e, a partir dos seus frutos, criou os seus próprios produtos regionais. Inspirados na abundância da região, a elegância e tranquilidade são servidas nos vinhos Silêncio (Touriga Nacional ou Síria), no Azeite Harmonia (Premium, Intenso ou Clássico) e no Mel Essência. Provámos e aprovámos...





ECOVIA^{DO} RABAÇAL



PR1
VLP

DE SONIM À PRAIA FLUVIAL

Início em Sonim / sentido recomendado

41°42'43.29"N / 7°13'49.39"W / local de início em Sonim

41°37'56.95"N / 7°14'51.70"W / local de início na Praia Fluvial

PONTOS DE INTERESSE

SONIM | 0 KM
 MINI-HÍDRICA | 3,2 KM
 ÁREA DE LAZER FLUVIAL | 6,6 KM
 MIRADOURO DE BARREIROS | FORA DO PERCURSO
 VILA FERRATA DE BARREIROS | 6,8 KM
 GORGOÇO (AÇUDE E PARQUE DE MERENDAS) | 10,4 KM
 FOZ DA RIBEIRA DE SANTA VALHA | 11,5 KM
 PISTA DE PESCA | 13,6 KM
 PRAIA FLUVIAL DO RABAÇAL | 13,8 KM
 BARREIROS - ÁREA DE LAZER E CAPELA | FORA DO PERCURSO



PR2
VLP

DA PRAIA FLUVIAL A LILELA

Início na Praia Fluvial / sentido recomendado

41°37'56.95"N / 7°14'51.70"W / local de início na Praia Fluvial

41°31'50.00"N / 7°15'27.73"W / local de início em Lilela

PONTOS DE INTERESSE

PRAIA FLUVIAL DO RABAÇAL | 0 KM
 PONTE DO ARQUINHO | 1,7 KM
 PASSAGEM DO RIO CALVO | 3,9 KM
 CACHÃO | 6,3 KM
 PRAIA FLUVIAL DE RIO TORTO | 10,3 KM
 FOZ DE RIO TORTO / OBSERVATÓRIO | 11,2 KM
 FOZ DA RIBEIRA DE LILA | FORA DO PERCURSO
 LILELA | 13,3 KM

PR3
VLP

DE TINHELA À PRAIA FLUVIAL

Início em Tinhela / sentido recomendado

41°43'30.37"N / 7°18'27.14"W / local de início em Tinhela

41°37'56.95"N / 7°14'51.70"W / local de início na Praia Fluvial

PONTOS DE INTERESSE

TINHELA | 0 KM
 AGORDELA | 4 KM
 MOINHOS | 5 KM
 ALDEIA DO CALVO | 5,8 KM
 LAGAR EM RUÍNAS | 6,1 KM
 FOZ DA RIBEIRA DO PIAGO | 6,8 KM
 SANTA VALHA (IGREJA, FONTE, QUINTA DE SOBREIRÓ DE CIMA) | 9,3 KM
 QUINTA DA TEIXUGUEIRA | 11 KM
 FORNOS DO PINHAL | 13,9 KM
 PONTE DO ARQUINHO | 17,8 KM



www.valpacos.pt - 278 710 130
 www.ecoviadorabacal.pt
 casadovinho@valpacos.pt - 278 710 138

NORTE2020
 PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
 Fundo Europeu de
 Desenvolvimento Regional